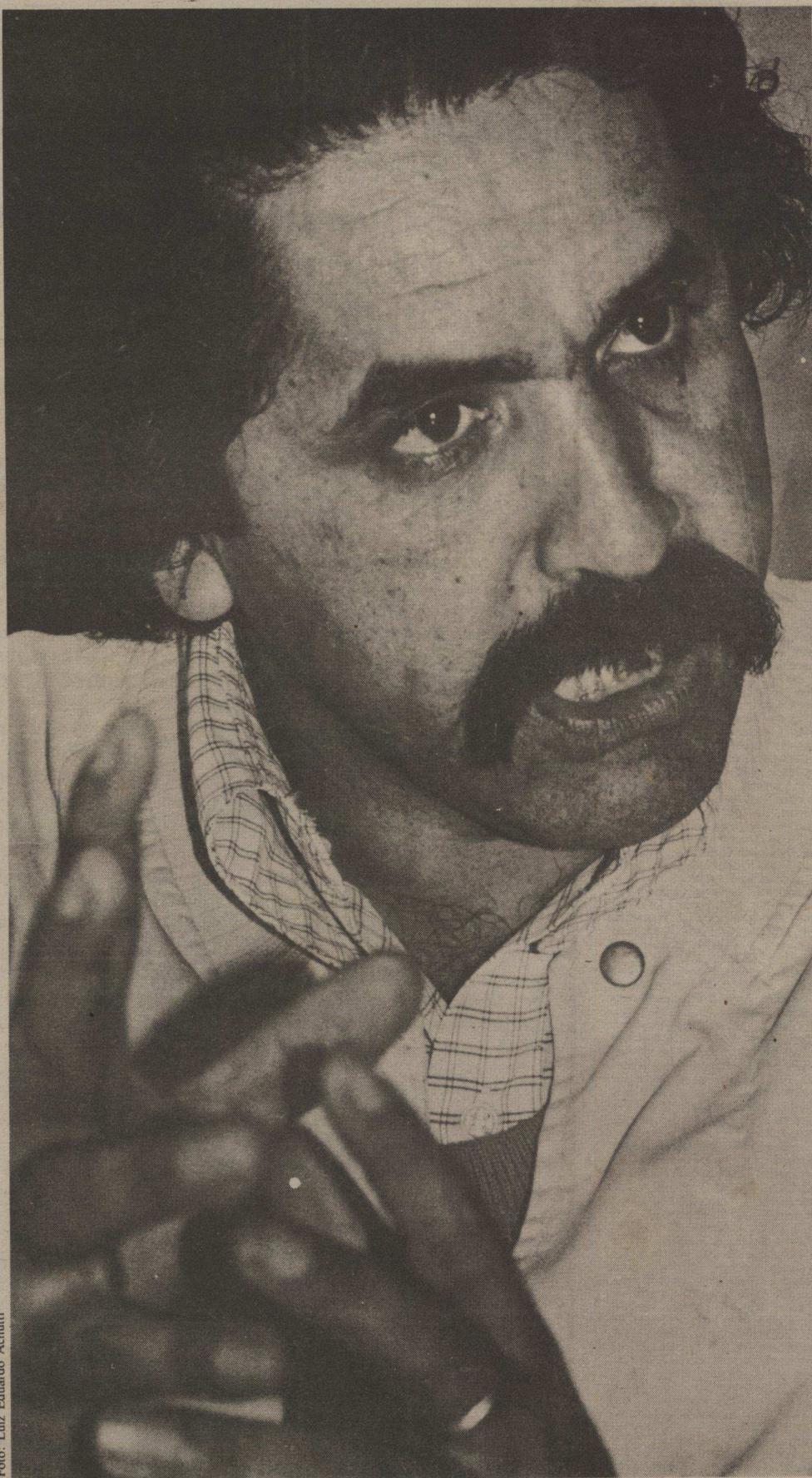


COOJORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

Entrevista-Perfil:

OLÍVIO



**A literatura
da América
Latina
analisada
por Eduardo
Galeano**

*Uma
surpresa:
Nosso
encarte
de lazer &
serviços,
o Dicideira*

Foto: Luiz Eduardo Achutti

*Ele fala de suas origens, explica
sua ascensão política, revela os
planos do PT e afirma: "O povo
gaúcho não é rebanho de caudilhos"*

**Tabajara Ruas e o
Primo Herédia**

Diretor Editor

Osmar Trindade

Editores

Antonio Manoel de Oliveira, Rafael Guimaraens, Luiz Eduardo Achutti (fotografia) e Edgar Vasques (arte)

Participaram desta edição

Luiz Antonio Pinheiro (diagramação), Elmar Bones, Luiz Pilla Vares, Danilo Ucha, Delmar Marques Eduardo Guimaraens, José Antonio Pinheiro Machado, Mônica Antonitsch, Ângela Costa, Kenny Braga, Santiago, Flavio Batistelli, Wilmarx, Schroder, Rosane Freire

Endereço: Rua Comendador Coruja, 371 — CEP 90.000 — Porto Alegre RS

Assinaturas: País — Cr\$ 1.900,00; América Latina — 100 dólares; demais países — 120 dólares.

Números atrasados: À venda somente a partir da edição nº 30, ao preço da última edição de banca. Os pedidos devem ser acompanhados do respectivo valor ou cheque postal em nome da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.

Edição Mensal

Associado à **BAJOOCOOP**
Associação dos Amigos e Servidores da Cooperação

Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.

A Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre foi fundada em 24 de agosto de 1974, constituindo-se na primeira do gênero no país. A Cooperativa é uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em Assembléia Geral para um mandato de dois anos. Cada associado, independente de sua participação no capital tem os mesmos direitos nas decisões da assembleia.

ASSOCIADOS:

Osmar B. Trindade (Presidente), Antonio M. de Oliveira (Vice-Presidente), Carlos Rafael Guimaraens Filho (Secretário), Afonso Ritter, Carlos R. Dornelles, Danilo S. Ucha, Luiz Afonso Franz, Marcelo Oscar Lopes, Clarice D. Aquistapace, Jorge A. Polydoro, José A. Vieira da Cunha, Manoel A. Canabarro e Tomás I. Pereira (Conselheiros de Administração); Eduardo A. Tavares, Francisco Daniel L. da Silva, Roberto D'Azevedo, Flávio S. Schubert, Elaine L. Lerner, Remi A. Baldasso (Conselheiros Fiscais); Daniel de Andrade Simões, Edgar L. Vasques da Silva, Fernando A.

Goulart, João Batista Aveline, João Borges de Souza, Jorge F. Gallina, José A. Pinheiro Machado, Juarez A. Fonseca, Luiz Carlos Merten, e Valdir da Silva (Conselheiros de Edição); Acari Amorim, Adalberto Correa de Lemos, Adélia Y. Porto da Silva, Ademar Vargas de Freitas, Ademir T. Fontoura, Adriano Lopes de Oliveira, Adroaldo B. Correa, Afonso R. Licks, Agnese Schiffino, Airtom Muller, Alberto André, Alberto H. Blum, Alberto M. Figueiras, Alceu M. Nogueira, Alda S. Souza, Afonso Abraham Llerene, Alfredo C. Fedrizzi, Alice I. Urbim, Amaro Dornelles, Amauri M. Mello, Amilton Vieira, Ana Amélia Lemos, Ana M. Riviello, Ana Maria Smidt, André Jockymann, Ângela Riccardi, Ângela Santangelo, Ângelo R. Dias da Silva, Aníbal C. Bendati, Anilson G. da Costa, Ana Maria T. Magalhães, Antonio A. de Oliveira, Antonio Brito Filho, Antonio C. Esteves, Antonio C. Paulino, Antonio F. Gonzales, Antonio I. Dreon Peres, Antonio Vargas, Antonio R. Teixeira Júnior, Ari S. Teixeira, Aristote A. Teixeira, Armando Burd, Armando Sobral Rollemberg, Armino A. Ranzolin, Arthur T. Monteiro, Artur P. da Silva, Artur S. Poester, Atáides L. Miranda da Silva, Augustinho M. Licks, Avani Maenfeld, Ayrtom Kanitz, Ayrtom J. Centeno, Beatriz M. Rosa, Beatriz S. Polydoro, Benigno Rocha, Bernardete S. Viana, Bernardete D. Schmitt, Bruno A. Ferreira, Cândido A. Cruz, Carla I. Irigaray, Carlos Alberto Koleczka, Carlos A. Maya Frust, Carlos Alberto Sardenberg, Carlos Alexandre G. Castro, Carlos Alfredo S. Silva, Carlos A. Muller, Carlos E. Athanazio, Carlos F. Karnas, Carlos Frederico Mentz, Carlos Gerbase, Carlos H. Bastos, Carlos M. Fehlbeg, Carlos M. Urbim, Carlos Moosmann, Carlos Rafael Guimaraens, Carlos R. Silveira, Carmem R. Cagno, Carmem S. Rial, Celso A. Rosa, Celso A. Schröder, Cid Pinheiro Cabral, Cinara C. Lima, Ciro Dias dos Reis, Cintia M. Leal, Claiton J. Selistre, Clarice L. Giorgi, Cláudio Barcelos, Cláudio Levitan, Cláudia Quinto, Cléa M. Moti, Clóvis Heberle, Clóvis O. Malta, Cristina Baptista Pereira, Cyro G. Canabarro, Delmar Marques Correa, Divino V. Fonseca, Edelberto Behs, Edgar Lisboa, Edna S. Della Nina, Edson G. Chaves Filho, Edson S. Kosminski, Eduardo R. Bueno, Eduardo S. San Martin, Eduardo Soares Guimaraens, Elaine E. Lerner, Eleonora A. Canto de Lucena, Elisabete P. Portugal, Elisabeth Copetti, Elmar Bones da Costa, Eloisa Enck Gonçalves, Elser E. Quintana, Enio R. Rocha, Ercy Pereira Torma, Erni C. Quaresma, Euclides P. Torres, Eugênio B. Bortolon, Eugênio F. Neves, Eva M. Caparelli, Evaldo J. Gonçalves, Evelyn Berg Joschpe, Evilázio B. Oliveira, Fátima R. Torri, Fernando O. Lindote, Fernando Guedes, Fernando S. Saes, Fichel Davit Chargel, Flávio A. Porcello, Flávio A. Dutra, Floreal R. Rosa, Floriano H. Correa, Francisco C. Ribeiro, Francisco D. Lopes, Francisco J. Karam, Francisco Juska Filho, Francisco Paulo Santana, Gabriel V. Mathias, Geanoni M. Peixoto, Gecy N. Belmonte, Geraldo Hasse, Gerson L. Schirmer, Gilberto L. Pauletti, Gilberto O. Leal, Glauco da Cruz Brandão, Gomercindo Lins Coutinho, Guilherme P. Souza, Guisleno Barú F. Derquim, Gustavo F. Moritz, Haroldo A. Silva, Hedi Moema L. Bauer, Heidy Gerhardt, Hélio A. Pereira, Hélio C. Gama Filho, Hélio M. Doyle, Heloisa Cé, Helton Ricardo Barreto, Hermelindo P. Macedo, Higino C. Barros, Hiltor P. Mombach, Hiron C. Goidandin, Humberto A. Monteiro, Humberto Andreatta, Iara A. Bendati, Iara T. Pereira, Iraporani V. Müller, Ibsen Valls Pinheiro, Ieda C. Bernardi, Ignês Pletsch, Ilgo J. Wink Filho, Ilza M. Girardi, Imara Stallbaum, Ivan G. Pinheiro Machado, Ivo Egon Stigger, Jaime Klintowicz, Jaime Sautchuck, Jandira A. Feijó, Jandira M. Cesar, Jane M. Filipon, Jayme Copstein, João Batista Marçal, João Batista Scalco, João C. da Silva, João R. Muniz, João P. Lacerda, Jorge B. Meditsch, Jorge Baumann, Jorge D. Escosteguy, Jorge M. Gomes, Jorge O. Carvalho Leite, Jorge O. da Silva, Jorge R. Freitas, Jorge S. Miranda Netto, José Antonio F. Ribeiro, José Antonio Severo, José Antonio S. Silva, José A. Pinto Netto, José A. Flores, José Danter Ripoli, José Emanuel G. Mattos, José Eneidir Francisco, José Erasmo Nascimentos, José Félix R. Valente, José Guaraci Fraga, José H. Mitchell, José Lauro D. Siqueira, José L. Lima, José Luiz G. Préviti, José L. Chiarelli, José M. Barcelo L. Pontes, José Onofre Jardim, José R. Araújo, José R. Fontes, José R. Silva, José Roberto Garcez, José S. Fonseca, José T. Abu-Jamra, Juan Carlos Gomez, Judith M. Costa, Julieta A. Nunes, Júlio José Chiavenatto, Júlio T. Sortica, Jurandir S. Silveira, Jussara C. Coelho, Laerte B. de Franceschi, Laerte C. Martins, Laerte D. Meliga, Laila M. Pinheiro, Lauro J. Quadros, Léa M. Aragão, Lenora M. Vargas, Léa Tavejansky, Leonardo B. Dourado, Leonid Streliaev, Licínio S. Azevedo, Lillian Bem David, Linda C. Sarturi, Leonora Paim, Lourival Vianna da Silva, Lotário Neuberger, Lucia S. Camargo, Luiz Alberto L. Arteché, Luiz A. Scottó de Almeida, Luiz A. Vidal, Luiz A. Corazza, Luiz Antonio Duarte, Luiz A. Kosminski, Luiz Antonio Pinheiro, Luiz Carlos R. Felizardo, Luiz Carlos S. Mello, Luiz Carlos F. Ferreira, Luiz C. Miranda, Luiz Carlos O. Almeida, Luiz Claudio F. Cunha, Luiz Eduardo R. Achutti, Luiz F. Vilaverde, Luiz F. Lima, Luiz F. Flores, Luiz F. Silva, Luiz Fernando Verissimo, Luiz Francisco Terra Júnior, Luiz C. Fonseca, Luiz G. Gonçalves, Luiz Humberto M. Pereira, Luiz Inácio F. Castro, Luiz O. Matzembacher, Luiz P. Pilla Vares, Luiz Paulo R. Daudt, Luiz Recena Grassi, Luiz R. Lanzetta, Luiz R. Vitello Filho, Lygia M. Nunes, Manoel J. Lourenço, Mara S. Bernardes, Marcelo Villas-Bôas Santos, Márcia B. Turcato, Márcio S. Camara, Marco Antonio F. Schuster, Marco Antonio Baggio, Marcio Túlio de Rose, Margaret S. Paula, Mary E. Menda, Maria Angélica de Moraes, Maria da Graça B. Seligman, Maria da Graça Silva, Maria E. Borges, Maria Helena Brancher, Maria Helena S. Passos, Maria I. Rech, Maria I. Zanchetta, Maria I. Hammes, Maria L. Fontanive, Maria L. Teixeira, Maria R. Ferreira, Maria Suelly Caldas, Marina Wodtke, Mário A. Nascimento, Mário A. Perez, Mário E. Rocha, Mário L. Madureira, Mário Marcos de Souza, Marinória S. Osório, Marise M. Fetter, Maristela Barros, Maroni João da Silva, Marques Leonam B. Cunha, Maurecy S. Santos, Mauro César Silveira, Mauro P. Toralles, Mary Beatriz Mezzari, Milton F. Wells, Milton Galdino da Silva, Milton R. da Silva, Milton S. Machado, Miriam Costa Correa, Miriam T. Moura, Milton Coelho Maron, Mozart N. Santos, Najar J. Tubino, Nelson C. Ferrão, Nelson Franco Jobim, Neltair Rebés Abreu, Nestor C. Fedrizzi, Neusa M. Ribeiro, Newton Peter, Nilson A. Figueiredo Filho, Nilson Guimaraens, Nirce Levin Goyman, Nivaldo T. Manzano, Odilon Rebés Abreu, Olides Canton, Olvio S. Lamas, Olyr Zavaschi, Omar L. Barros Filho, Orlando C. Brasil, Otacilio Rivrot, Otília M. Rieth, Paulo Marconi, Patrício R. Bentes, Paulo A. Fogaça de Medeiros, Paulo Burd, Paulo C. Verrí, Paulo D. Pereira, Paulo E. Vasconcelos, Paulo F. Guerreiro, Paulo Gerson A. Oliveira, Paulo M. Macedo, Paulo Q. Bezerra, Paulo R. Cancian, Paulo de Tarso C. Riccardi, Paulo Totti, Pedro F. Macedo, Pedro Sosa Pereira, Pedro V. Maciel, Plínio J. Dotto, Porfirio Borba Netto, Raul C. Rubenich, Raul R. Quevedo, Regina P. Vasques, Rejane Lempeck, Renan Antunes de Oliveira, Renato Kern, Renato Pinto da Silva, Renato Vinicius Canini, Ricardo I. Balsani, Ricardo L. Chaves, Ricardo M. Schmitt, Riomar B. Trindade, Roberto Appel, Roberto A. Thomé, Roberto B. Manera, Roberto C. Franco, Roberto Ethel, Roberto L. Antunes Fleck, Rogério F. Monteiro, Rogério Raupp Ruschell, Rogério S. Medeiros, Rômulo C. Krafta, Ronaldo Westermann, Rosvita Sauressig Laux, Rubens C. Wayne, Rui J. Bender, Ruy Carlos Ostermann, Sérgio Batsow, Sérgio Caparelli, Sérgio J. Becker, Sérgio R. Moita, Sérgio R. Lagranna, Sérgio Toniello, Severino J. Góes, Sibilla Rocha, Silmar C. Müller, Silvia S. Costa, Sílvio C. Ferreira, Sílvio S. Correa, Solange V. Morgado, Tânia Carvalho e Silva, Tânia H. Krutschka, Tânia Jamaro Faillace, Telmo Cunha Zanini, Terezinha T. Figueiredo, Ubirajara S. Prates, Vera Daysi Barcelos, Vera M. Bosak, Vera M. Gomes, Vera R. Monteiro, Vera S. Kern, Victor Hugo Sperb, Vera T. Costa, Virson Holdembbaum, Vitor Moraes, Waldemar Teixeira, Walter Firmo G. da Silva, Whalmir Anna Von Koenning, Wilmar O. Marques, Wladimir Netto Ungaretti e Zélia Dambrowski Leal.

Caro Leitor,

A 100 dias das eleições, o comportamento da população diante das urnas continua sendo uma incógnita a desafiar as mais pretenciosas pesquisas e os mais criteriosos prognósticos. O PDS e o PMDB são apontados como favoritos, devido principalmente à herança do bi-partidarismo, mas não se pode esquecer que surgiram novos partidos e que um terço do eleitorado não participou das eleições de 78, as últimas verificadas no país, sem falar que 75% do contingente eleitoral nunca votou para o cargo de Governador do Estado. Além disso, o grande número de cargos em jogo e a vinculação do voto, ditada pelas normas eleitorais poderão provocar um número record de votos nulos — alguns garantem que até um terço dos votos poderão ser anulados.

O Coojornal abre, a partir desta edição, suas páginas aos candidatos ao Governo do Rio Grande do Sul. Começamos com o candidato do Partido dos Trabalhadores, Olívio Dutra. Propositadamente, procuramos não enfatizar as tradicionais questões ligadas a planos de Governo e propostas pré-eleitorais e sim dar um perfil do candidato, suas origens, idéias e projetos. Nos próximos números, entrevistaremos outros candidatos. Confira a entrevista de Olívio Dutra a partir da página central.



MÉDICOS & IMPRENSA

Prezado Editor:

Tomei conhecimento, através de matéria publicada no Coojornal, edição de junho de 1982, das advertências que a Associação Médica do Rio Grande do Sul faz à sua categoria. Acho verdadeiramente absurda e ridícula a atitude da AMRIGS tentando prevenir a classe do perigo que representa a imprensa. Como médico que sou, e amigo de muitos jornalistas não posso me conformar com este tipo de atitude que denigre a imagem da minha profissão e a da minha pessoa perante o resto da população, além de negar-se a contribuir com um trabalho rico e corajoso como o que vem sendo feito pela imprensa gaúcha. Antônio Joaquim da Rosa, Porto Alegre, RS

FUTEBOL ARTE?

Prezado Editor:

A derrota do Brasil, na Copa, entristeceu os brasileiros, mas deixou uma lição fundamental para nós, amantes do futebol. Passou, lamentavelmente, o tempo em que a arte pura sobrepunha-se à eficiência física e tática, neste esporte inventado pelos ingleses, mas recriado pelos brasileiros. O futebol praticado pelo Santos, no início da década de 60, e pela própria Seleção Brasileira, nas três Copas em que saiu vencedora, são lendas para contar aos netos e colecionar em álbuns. Primeiro, porque a preparação física e os esquemas táticos deixaram de ser atividades

Estamos estreando ainda o *Dicadeira*, nosso suplemento de lazer & serviços, com dicas de onde ir após o expediente, principalmente nos tempos de hoje, em que as horas de folga são cada vez mais raras e, por isso mesmo, mais preciosas. Nossa intenção é orientar o leitor sobre bares, restaurantes, espetáculos, livrarias, exposições, etc. O *Dicadeira* não será um corpo estranho dentro do Coojornal. Pelo contrário. Suas informações e sugestões são tratadas com o mesmo cuidado com que estamos praticando jornalismo, em sete anos de existência de nosso mensário.

Eduardo Galeano, autor do célebre *Veias Abertas da América Latina*, está presente no Coojornal com um polêmico artigo sobre a literatura e a cultura de nosso continente, desmistificando a visão que os colonizadores nos impuseram. A partir da página 4, Galeano fala de Chico Buarque, Jorge Luis Borges, Gabriel Garcia Marquez, Graciliano Ramos, Vargas Llosa e muitos outros.

E falamos também de imprensa. Como se comportam os nossos jornais num período de transição, é o assunto que Pilla Vares enfoca. E Danilo Ucha, que passou 80 dias em Buenos Aires, nos relata as dificuldades de cobrir a guerra, longe da guerra.

O Editor

FÃ DE DUCATTI

Sr. Editor

O primeiro assunto é sobre Carlos Ducatti, o incompreendido orionino que fundou o CNE (*Clube Nova Era*), ex-club de Sábios do Rio Grande do Sul.

O que eu gostaria de colocar sobre sua pessoa é que Ducatti é uma pessoa que tem uma escala de no mínimo dez anos frente a qualquer mortal. Sou seu fã desde quando ele, aos domingos, bancava o jornalista e publicava suas "genialidades" no *Diário de Notícias* (um dos jornais gaúchos extintos na década passada). Meus amigos e colegas de serviço — pessoas as quais mostrava sua dominical coluna — o chamavam de louco. Eu sempre o defendi, chamando-o de visionário.

Ah, isso me lembra uma coisa. Mr. D. era solteiro na época. Terá ele casado? Terá filhos? Em caso negativo avise-me que minha irmã está disponível para contato físico, espiritual e cultural, bastando para que ele ligue para meu banco, terá as devidas informações.

Preiscott Souza, Porto Alegre, RS

Cartas para esta seção devem ser endereçadas à Rua Comendador Coruja, 372.

Para Deputado Federal

PMDB

PINHEIRO MACHADO NETTO

Governador SIMON

VAMOS PEGAR JUNTOS



A eficiência das organizações cooperativas está na participação ativa e consciente dos seus associados. O produtor rural acreditou na supremacia do seu trabalho e, agrupado, forjou os instrumentos com os quais realizou as obras que não conseguiria fazer sozinho. A ajuda mútua fez a realidade do cooperativismo. A aliança dos produtores gaúchos criou a maior estrutura de cooperativas do País e construiu um mundo de esperanças para as novas gerações.
Todos pegaram juntos.



CENTRALSUL

Central de Cooperativas de Produtores Rurais do Rio Grande do Sul Ltda.

Fazer literatura
consiste em
escrever livros

Escritor é quem escreve livros, diz o pensamento burguês, que esquarteja tudo aquilo em que toca. A compartimentação da atividade criadora tem ideólogos especializados em levantar muros e cavar fossas. Até aqui, nos dizem, chega o gênero novela; este é o limite do ensaio; ali começa a poesia. E, sobretudo, não se confundir: aí está a fronteira que separa a literatura dos gêneros menores, como o jornalismo, a música, os roteiros de cinema, televisão ou rádio.

A literatura abrange, no entanto, o conjunto das mensagens escritas que integram uma determinada cultura, à margem do juízo que possamos fazer do seu valor pela qualidade que possuem. Um artigo, um verso ou um roteiro são também literatura — medíocre ou brilhante, alienante ou libertadora, como bom ou mau pode ser, afinal, qualquer livro.

No conceito destes trituradores da alma, não haveria lugar para muitas das realizações literárias de maior eficácia e beleza na América Latina. A obra do cubano José Martí, por exemplo, foi realizada, principalmente, para publicação em jornais e o passar do tempo demonstrou que pertencia a um instante e que, também, pertencia à história. O argentino Rodolfo Walsh, um dos mais valiosos escritores da sua geração, desenvolveu a maior parte da sua obra no meio jornalístico e, através das suas reportagens, nos deu um incansável testemunho da infâmia e da esperança do seu país. A carta aberta que Walsh dirigiu à ditadura argentina, no seu primeiro aniversário, constitui um grande documento da história latino-americana do nosso tempo. Foi a última coisa que escreveu. No dia seguinte, a ditadura seqüestrou-o e o fez desaparecer.

Eu me pergunto, para citar um exemplo, se a obra de Chico Buarque de Holanda carece de valor literário porque foi escrita para ser cantada. A popularidade é um delito de lesa literatura? O fato dos poemas do Chico Buarque, talvez o melhor poeta jovem do Brasil, andarem de boca em boca, cantarolados pelas ruas diminui o seu mérito, rebaixa sua categoria? A poesia só é válida quando é editada, ainda que seja numa tiragem de mil exemplares? A melhor poesia uruguaia do século passado — “os cielitos”, de Bartolomé Hidalgo — nasceu para ser acompanhada ao violão, e continua viva no repertório dos trovadores populares. Ao que me consta, Mário Benedetti não pensa que seus poemas para serem cantados são menos “literários” que seus poemas para serem lidos. Os poemas de Juan Gelmán, que não imitam o tango porque eles o contêm, não perdem nada da sua beleza quando em tango se convertem. O mesmo acontece com Nicolás Guillén. Ou por acaso o “son”, sua fórmula poética mais caracte-

Eduardo Galeano exclusivo

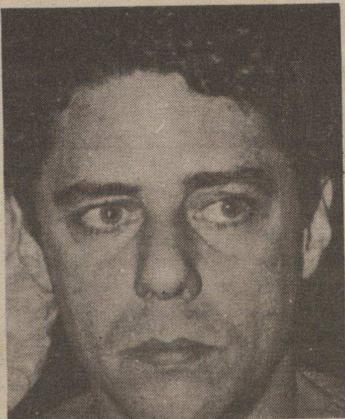
Dez mentiras sobre a literatura latino-americana

terística, não provém da música popular afro-cubana?

Em um sistema social tão excludente, como o que existe na maioria dos países da América Latina, os escritores somos obrigados a utilizar todos os meios de expressão possíveis. Com imaginação e astúcia, sempre é possível abrir fendas nos muros da cidadela que nos condena à incomunicação e nos torna difícil ou até impossível o acesso às multidões. Na época da segunda Guerra Mundial, Alejo Carpentier escrevia dramatizações para o rádio, muito populares em Cuba e, um dos melhores narradores venezuelanos da atualidade, Salvador Garmendia, escreve telenovelas em Caracas. Júlio Cortázar baseou um dos seus últimos livros, “Fantomas contra las multinacionales”, numa história em quadrinhos e, como história em quadrinhos, foi vendido nas bancas de jornais do México.

Por cultura se entende a produção e o consumo de livros e outras obras de arte

Na maioria das vezes não ousamos fazer essa afirmação, mas ela está implícita em toda parte. Penso que ela é muito restrita. Em primeiro lugar, porque exclui a ciência, todo o imenso espaço do conhecimento científico que integra a cultura e que é sistematicamente negado pelos intelectuais às artes. Além do mais porque reduz a cultura a uma forma de indústria, uma indústria de artigos de luxo, ignorando a chamada “cultura de massas”, que é a indústria cultural por excelência, internacionalmente montada para capturar mercados massivos. E, por último, mas não menos importante: esta definição de cultura faz de conta que não existem as expressões espontâneas e valiosas da cultura popular.



Chico Buarque não faz literatura?

A primeira omissão, a negação da ciência como trabalho cultural, parece inexplicável, sob a luz das ditaduras da história latino-americana mais recente. A maré das ditaduras da década de setenta levou pela frente não apenas os escritores perigosos, os teatros subversivos, os músicos contestadores, os desenhistas desobedientes e os professores que viam o ensino como a criação de homens livres. As ditaduras investiram também contra os projetos científicos libertadores. E com toda razão, desde seu ponto de vista: as vítimas do sistema podem ser confundidas, mas os donos, não. O monopólio da tecnologia é uma forma de domínio no mundo contemporâneo e as ditaduras latino-americanas — partido político das corporações multinacionais — cumprem sua função: arrasam os escassos centros de investigação científica de vocação nacional, para que nos países continuem condenados ao consumo da tecnologia estrangeira, controlada por seus amos. Como os escritores, os cientistas nunca são inocentes: há uma maneira de fazer ciência que, apenas por existir, acusa os donos de um sistema inimigo do país e do povo.

A respeito da segunda omissão, quem poderia negar a influência da chamada “cultura de massas” sobre as multidões latino-americanas que não precisam saber ler para ouvir o rádio ou assistir à televisão? Esta “cultura de massas” — para as massas, devemos esclarecer — é fabricada em série nos grandes centros do poder no mundo capitalista e, principalmente, nos Estados Unidos, sendo exportada para o mundo inteiro, irradiando modelos de vida em escala universal. O imperialismo cultural



Borges: brilho e desprezo pelo povo

atua através do aparelho educativo, mas, também, atua através dos meios massivos de comunicação: os canais de televisão, as rádios, os jornais e as revistas de grandes tiragens. A televisão reina. Este totem familiar do nosso tempo imobiliza seus fiéis durante mais horas do que qualquer pregador que transmite ideologias com um inacreditável poder de difusão e persuasão.

A maior parte dos países latino-americanos está padecendo uma reformulação do poder do Estado. Na era da *segurança nacional*, *pr*as vivem as pessoas, para que livres vivam os negócios e assim se consolide a aliança entre a indústria cultural e o aparato militar. Com raras exceções, os meios massivos de comunicação irradiam uma cultura colonialista e alienante, destinada a justificar a organização desigual do mundo como um legítimo trunfo dos melhores — ou seja, dos mais fortes. Falsifica-se o passado e mente-se a realidade; propõe-se um modelo de vida que postula o consumismo como alternativa ao comunismo, que exalta o crime como façanha e o egoísmo como necessidade natural. Ensina-se a competir, não a compartilhar: neste mundo que se desprece e se postula, as pessoas pertencem aos automóveis e a cultura se consome, como uma droga, mas não se cria. Esta é, também, uma cultura, uma cultura da resignação, que gera necessidades artificiais para ocultar as reais. Ninguém poderá, creio, negar a amplitude da sua influência. Entretanto, cabe a pergunta: A culpa é dos meios de comunicação que a transmitem? A televisão é nociva e os livros são bons? A culpa do crime é a existência do punhal? Não abundam, por acaso, os livros que ensinam a nos desprezarmos e aceitarmos a história em lugar de fazê-la?

Sobre a terceira omissão, alguns exemplos recentes, dos países platinos, me parecem eloquentes. Quando os militares argentinos retomaram o poder, em março de 76, uma das primeiras medidas que tomaram foi a de criar novas normas para os meios de comunicação. O novo código de censura proibia, entre outras tantas coisas, a difusão de reportagens de rua e opiniões não especializadas sobre qualquer tema. O monopólio do poder implicava, pois, no monopólio da palavra, que por sua vez, condenava ao silêncio o “homem comum”

No Uruguai, por exemplo, a repressão cultural não se limi-

tou nestes últimos anos, a fechar quase todos os jornais e revistas, a incinerar livros em autos-de-fé ou triturá-los para vendê-los como confete e a condenar ao exílio, ao cárcere ou ao túmulo a numerosos cientistas e artistas profissionais. A ditadura proibiu as assembléias e todas as oportunidades de encontro, diálogo e debate entre os homens; e nas escolas os alunos não podem falar com seus professores fora do horário de aula. E mais, foram proibidas até algumas letras de marchas de carnaval, temíveis por sua força de protesto e picardia, e aqueles que as cantavam também foram presos. Não é por acaso que o carnaval — tempo de trégua e vingança, em que a noite se faz dia e o mendigo rei — preocupa tanto aos regimes repressivos. Também não é por acaso que as ditaduras cuidam da limpeza das paredes.

A cultura popular reside nas tradições típicas

Do ponto de vista da ideologia dominante, o folclore é uma coisa simpática e menor: mas a simpatia paternalista é desmascarada quando o simples “artesanato” invade o sagrado espaço da “arte”. Em 1977, o pintor peruano Fernando Szyszlo renunciou à Comissão Nacional de Cultura porque enviou-se para a Bienal de São Paulo, representando o Peru, uma mostra de artesanato. Um ano antes houve um escândalo em Lima, quando um retábulo de Joaquín Lopez Antay ganhou o prêmio nacional. A associação de artistas plásticos emitiu seu mais ardente protesto e dividiu-se a partir deste episódio. Recordo a péssima cara de mais de um pintor acadêmico no Panamá, quando me ocorreu opinar que algumas telas de cores dos índios cunas, das ilhas de San Blás, mereceriam figurar entre as melhores realizações atuais das artes plásticas desse país.

Para o sistema, está claro, ao menos na teoria, ninguém nega o direito do povo de consumir a cultura criada pelos profissionais especializados, ainda que, na verdade, este consumo se limite aos grosseiros produtos da chamada cultura de massas. Quanto à capacidade popular de criação, está bem, sempre e quando não saia do seu devido lugar.

Mas por que o “Popol Vuh”, só para dar um exemplo, o livro sagrado dos maias, continua vivo além das bibliotecas dos historiadores e dos antropólogos? Construída ao longo dos tempos antigos pelo povo “maya-qui-ché”, esta grande obra, anônima e coletiva, continua sendo um dos grandes cumes literários da América Latina. Para a maioria indígena da sociedade guatemalteca é, também, uma ferramenta primorosa e de bom fio, porque os mitos que contêm continuam vivos na memória e na boca do povo que a criou. Ao fim de quatro séculos e meio de humilhação, este povo continua tendo uma vida de burro de carga. Os mitos sagrados, que anunciam o tempo da briga e o castigo dos soberbos e cobiçosos, lembram aos índios da Guatemala que são pessoas e



COTRIJUI

ANO

25

Uma idéia está fazendo 25 anos. Uma idéia nascida entre 25 agricultores de Ijuí, nos idos de 1957.

Naquele ano, no dia 20 de julho, aqueles homens simples e solidários resolveram juntar seus esforços em torno de um ideal comum e fundar uma cooperativa, a Cotrijuí. Logo, o ideal cultivado com suor e esperança, começou a dar seus frutos.

Com alguns meses de existência a cooperativa já tinha o seu primeiro armazém, com capacidade de estocagem de 9.000 toneladas. Desde então, a Cotrijuí não parou mais de reunir agricultores e buscar soluções

para seus problemas de produção. E, ao longo desses anos, deu passos decisivos e pioneiros para nossa agricultura, sempre visando beneficiar e valorizar o trabalho do homem do campo do Rio Grande.

Assim, construiu o primeiro armazém de fundo inclinado do País, com capacidade de 45.000 toneladas de cereais e implantou seu Terminal Graneleiro, no Superporto de Rio Grande, com uma capacidade de estocagem de 220.000 toneladas.

Hoje a Cotrijuí é uma das maiores cooperativas do País, com mais de 20.000 associados diretos que somados a seus dependentes totali-

zam mais de 100.000 pessoas espalhadas pelo Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul.

Seu complexo empresarial inclui desde fábricas de óleos vegetais (em Ijuí e Rio Grande), frigoríficos (em Dom Pedrito), empresas de processamento de dados (Cotridata), até exportação e importação (Cotriexport).

Além de uma rede de hospitais e farmácias, constantemente ampliada em número de unidades e qualidade de atendimento, a Cooperativa mantém em benefício de seus associados uma cadeia de lojas onde

cada um encontra desde utilidades para o lar até acessórios para implementos e máquinas agrícolas.

Mas, a Cotrijuí sabe que ainda há muito o que fazer, há muito o que conquistar e, a cada ano que passa, novos projetos, novas idéias, novas realizações nascem e se consolidam sempre em torno do ideal da cooperação: a força de cada um a serviço de todos.

Em 1957, um punhado de homens plantou uma semente fértil nesta boa terra. 25 anos de trabalho duro e dedicação constante tem multiplicado as colheitas.

estilos e de culturas que gera, em nossas terras, "o real maravilhoso", e tem um sentido original e vital, alheio completamente ao olhar colonial que desde fora nos petrifica numa paisagem exótica e nas imagens de exportação. Na obra de Carpentier, o estilo que ele chama de barroco "denomina" a realidade e a redescobre; em outros, como Severo Sarduy, o barroco é disfarçado. Lendo a obra de Carpentier, Lezama Lima, Guimarães Rosa, Jorge Enrique Adoum, a gente tem a sensação e a certeza de que a complexidade do estilo corresponde exatamente à complexidade do mundo que expressa: "isto" não poderia ser dito de outra maneira. Como são numerosos os casos inversos, nos quais a complexidade do estilo, pobre de imagens porém pretensioso em arabescos, esconde o pânico à claridade: se o discurso ficasse nu, poria em evidência sua irremediável estupez.

Os fatalistas do estilo querem nos convencer de que o barroco é "a linguagem da América Latina", como se houvesse apenas uma só linguagem possível para um mundo que contém tantos mundos. No fundo eles apenas se propõem reivindicar uma alta categoria estética para o tédio das suas obras, inscritas na tradição do pomposo estilo dos doutores de fardão. O palavreado inútil não está a serviço da natureza e sim a serviço do sistema: e proporciona-lhe disfarces. Deve ser por isto que quanto mais pobre é um país, mais ostensiva é sua literatura, como se a menor quantidade de calorias na dieta de um povo correspondesse a uma maior quantidade de palavras na obra dos intelectuais voltados de costas para a realidade.

A literatura política trata de temas políticos; a literatura social, de temas sociais

Por acaso existe alguma obra literária que não seja política e social? Sociais são todas, porque pertencem à sociedade humana; e políticas, também, são todas, na medida em que a palavra impressa implica sempre — queira ou não o seu autor, saiba ou não — uma participação na vida pública.

A mensagem escrita "elegante", só pelo fato de existir: ao dirigir-se a outros, inevitavelmente ocupa um lugar e toma partido nas relações entre a sociedade e o poder. Seu conteúdo, libertador ou alienante, não está em hipótese alguma determinado pelo seu tema. A literatura mais política, ou mais profundamente comprometida com os processos políticos de mudança, pode ser a que menos necessite nomear a política, assim como a mais crua violência social não necessariamente se manifesta através das bombas e das balas.

Freqüentemente os livros, artigos, canções e manifestos sobre "temas políticos e sociais", escritos com os propósitos mais revolucionários do mundo, não obtêm como resultado algo semelhante às boas intenções que

os inspiram. Às vezes acabam concordando, sem se propor a isto, com o sistema ao qual se propõem desafiar. Aqueles que se dirigem ao povo como se este fosse curto de idéias e incapaz de imaginação, confirmam a imagem que do povo fazem seus opressores; bendizem o sistema que alegam combater os que empregam uma linguagem de entediadas frases feitas e criam personagens de uma dimensão de papelão, sem medo nem dúvida, nem contradições, que mecanicamente executam as ordens do autor de cada conto ou novela. Não está o sistema especializado em desintegrações? Uma literatura que encolhe a alma em lugar de multiplicá-la, por mais que se chame militante, objetivamente serve a uma ordem social que a cada dia corta e recorta a multiplicidade e a riqueza da condição humana. Em outros casos, não menos freqüentes, a tentativa de comunicação fracassa antecipadamente, pois já antecipadamente se dirige a um público cuja linguagem já está definida e na linguagem que este público espera ouvir: por mais revolucionária que pretenda ser, esta literatura sem riscos resulta, nos fatos, conformista. Provoca sono ainda que procure provocar fervores. Diz dirigir-se às multidões, no entanto conversa com seu espelho.

A literatura pode reivindicar, creio, um sentido político libertador, toda vez que contribua para revelar a realidade nas suas múltiplas dimensões e que de alguma forma alimente a identidade coletiva ou resgate da memória da comunidade que a gera, *sejam quais forem* seus temas. Um poema de amor pode ser, desde este ponto de vista, politicamente mais fecundo que uma novela sobre a exploração dos mineiros do estanho ou dos trabalhadores nas plantações bananeiras.

Podemos encontrar numerosos exemplos da literatura latino-americana do mais alto nível. Em um trabalho há pouco tempo publicado, Pedro Orgambide dizia ter a suspeita de que o "Canto Geral", de Pablo Neruda, é mais político nos trechos menos políticos do seu texto. Me parece que a suspeita possui um bom fundamento. Os versos de Neruda possuem maior vigor e profundidade política em "Alturas de Machu Picchu" do que em algumas páginas dedicadas a denunciar certos ditadores ou as violentas ações da "United Fruit Company". A meu ver, o livro "Week end em Guatemala", de Miguel Angel Asturias, que foi escrito no auge da cólera e da matança de 1954, é, de todos os que escreveu, o que possui um conteúdo político mais explícito, porém, politicamente, é o menos eficaz. Não compartilho da opinião, quase unânime, que considera "El libro de Manuel" a obra mais comprometida de Júlio Cortázar, assim como, também, me parece que "O Outono do Patriarca", de Gabriel García Márquez, é menos rico, no sentido político, do que "Cem anos de Solidão", ainda que a denúncia política não apareça em primeiro plano neste grande romance.



Lênin satirizava os intelectuais

Na melhor das hipóteses a literatura pode interpretar a realidade, mas é incapaz de transformá-la

Ao interpretar a realidade, ao redescobri-la, a literatura pode ajudar a conhecê-la. E conhecê-la é o primeiro passo a ser dado para começar a mudá-la: não existem experiências de mudanças sociais e políticas que não se desenvolvam a partir de um aprofundamento da consciência da realidade.

As obras de "ficção", que assim são chamadas, costumam revelar com maior eficiência que as de "não ficção" as dimensões ocultas da realidade. Numa famosa carta, Engels escreveu que nas novelas de Balzac ele havia aprendido mais sobre alguns aspectos da economia do que com todos os economistas da sua época. Nenhum estudo sociológico nos ensina mais sobre a violência na Colômbia do que a breve novela de García Márquez, "Ninguém escreve ao Coronel", onde, se mal não me recordo, não se ouve nenhuma bala, e "La ciudad y los perros", do Mário Vargas Llosa, radiografa a violência no Peru com muito mais profundidade que qualquer tratado sobre o tema. A melhor obra de economia política, do século passado, na Argentina, é o poema de um gaúcho arisco chamado Martín Fierro. As novelas e relatos de José Maria Arguedas nos brindam testemunhos mais eloqüentes sobre o desgarramento das culturas indígenas na América Latina. A novela de Augusto Roa Bastos, "Yo el Supremo", abre mais profundos sulcos do que qualquer livro de história para quem quiser conhecer a fundo o Paraguai dos tempos de Gaspar Rodríguez de Francia. A desintegração do Uruguai foi prevista com mão de mestre, por Juan Carlos Onetti em "El astillero".

Existe melhor chave que os livros de Asturias para entrar na Guatemala? Não é o sopro de vida e morte da Argentina dos dias atuais aquilo que alenta com ternura e fúria os poemas de Juan Gelman? E El Salvador e Nicarágua, estes pequenos países tão bravios, não nos falam através da boca de Roque Dalton e Ernesto Cardenal?

Revelar a realidade não significa imitá-la. Imitá-la seria traí-la, principalmente em países como os nossos, onde a realidade está disfarçada por um sistema que nos obriga a mentir para sobreviver e que quotidianamente nos proíbe denominar as coisas pelo seu nome. Fecundam a realidade aqueles que são capazes de penetrá-la. "Guernica" de Picasso, oferece, aos nossos olhos, mais realidade que todas as fotos do bombardeio da pequena cidade basca. Um relato fantástico pode refletir melhor a realidade do que um conto naturalista e respeitoso daquilo que lhe parece ser a realidade. Acertadamente dizia Mário Benedetti em um trabalho recente, que um conto como "La casa tomada", de Julio Cortázar, está mais ligado à realidade, sendo um conto fantástico, do que os prolixos inventários de mais de um autor do "nouveau roman" francês. Utilizando uma simbologia certa, "La casa tomada" representa o Dunquerque de uma classe social que pouco a pouco vai sendo desalojada por uma presença à qual não tem o valor de enfrentar.

Freqüentemente os escritores politicamente identificados com a causa revolucionária sofrem acessos de consciência pesada: não será a fantasia uma fuga covarde, uma mentira do mundo? Sentem-se, então, ou melhor, nos sentimos, porque várias vezes isto me ocorre, culpados por escrever, culpados por voar: esquecemos, às vezes, que a esperança morreria de sede sem as alucinações e as quimeras que nutrem a criação humana.

Como um espelho de dupla face, a literatura pode mostrar o que se vê e o que se vê mas não existe; e como não existe nada que não contenha sua própria negação, opera quase sempre como vingança e profecia. A imaginação abre novas portas para a compreensão da realidade e presente sua transformação: antecipa, pelos sonhos, o mundo a ser conquistado, ao mesmo tempo que desafia o imobilismo burguês. No sistema do silêncio e do medo, o poder de criar e de inventar atenta contra as rotinas da obediência. Esta ordem social, dizem seus donos, é a ordem natural: mundo quieto, igual a si mesmo, de frente e perfil como uma foto de arquivo policial. A imaginação criadora revela que a sua pretensa eternidade é provisória e não existe cara sem contracara.

O valor de um texto poderia ser medido pelo que desencadeia em quem o lê. Os melhores livros, os melhores ensaios e artigos, os mais eficazes poemas e canções não podem ser lidos ou ouvidos impunemente. A literatura que se dirige às consciências, atua sobre elas, e quando está acompanhada de boas intenções, talento e sorte, dispara nelas os gatilhos da imaginação e da vontade de mudanças. Na estrutura social da mentira, revelar a realidade implica em denunciá-la; e vai além disto quando o leitor se modifica um pouquinho através da leitura. Um livro não muda o

mundo, se diz, e é verdade. Mas, o que consegue mudá-lo? Um processo, acelerado ou lento, de acordo com a situação; sempre incessante e de mil dimensões simultâneas: a palavra escrita é uma delas, e não uma mera peça auxiliar. Negar toda literatura que não seja de emergência constitui, creio, um erro tão grave como o desprezo às formas de expressão literária que escapam aos limites do livro ou que não figuram nos altares da cultura acadêmica.

Haroldo Conti, um narrador argentino que conheci em Buenos Aires, passou seus últimos anos atormentado pela suspeita de que sua literatura era politicamente inútil. Ele era um homem de idéias políticas revolucionárias e sentia que escrevia contos e novelas perfeitamente inócuos, porque não exercitavam a denúncia explícita. Em longas noites de vinho e cigarros, em uma ilha do delta do Tigre, conversamos sobre isto; e eu nunca consegui dizer-lhe que seu trabalho de escritor tinha um sentido profundamente vital, renovador e libertador. Ele era, ou quem sabe é, um mágico humilde capaz de contar histórias belíssimas. Como toda literatura que valha a pena, seus relatos contam a vida e fazem com que ela aconteça. Fugazmente nos arrancam do tempo para nos devolver muito melhores. Ao contar o que somos, nos ajudam a ser, porque, como pode converter-se em protagonista da história, fazendo a história em lugar de padecê-la um povo que ignora sua identidade?

Depois, em fins de abril de 1976, Haroldo foi seqüestrado. Alguém o viu desfeito pelas torturas em um quartel; e após isto nunca mais nada dele se soube. Como a muitos milhares de argentinos, chilenos, guatemaltecos e uruguaios, que foram engolidos pela terra. Os jornais argentinos não publicaram uma linha sequer sobre o desaparecimento de um dos melhores escritores do país; e ele, que tinha uma consciência inquisidora, perdeu-se no terror e na névoa angustiada pela idéia de que a sua obra literária não era coerente com sua vontade política. Neste sentido, Haroldo foi vítima do esquematismo que, por um lado, apregoa a literatura como ofício dos deuses e, por outro, a despreza como passatempo inofensivo.

Eu havia buscado as palavras e não as havia encontrado. Quis ajudá-lo a crer naquilo que fazia, e não consegui. Quiz dizer-lhe que ao acender os pequenos fogos da identidade, da memória e da esperança, obras como a sua integram as forças da mudança em um sistema organizado para apagar nossos rostos, desintegrar nossas almas e esvaziar nossas memórias, e que assim suas palavras davam abrigo a muitos que estavam nus na intempérie.

"Porque quise querer e no pude poder", como diz Zitarrosa em uma bela canção, escrevo estas páginas, como forma de expiação e certeza.

Eduardo Galeano

O primo Herédia

Hernando Cardona tinha doze anos de idade e estava sentado na cadeira do barbeiro Saladino, seu tio, num subúrbio da Barranca Barmeja, envolto na toalha branca e lutando contra a coceira que o talco lhe provocava na nuca, quando viu seu primo Herédia pela primeira vez. Nessa primeira vez que o viu, não sabia ainda que era seu primo. Foi saber depois, através do tio e do falatório das comadres do bairro.

Era o meio-dia de um verão deslumbrante e o sol estava nos telhados de zinco das cabanas da Companhia Petrolífera. Da cadeira, ele via a rua deserta. Então, viu a sombra do homem e, em seguida, o homem entrou em seu campo de visão: vinha recuando, imaculado no seu terno de linho branco, as pernas abertas e cautelosas para não tropeçar, os braços estendidos para frente e fazendo pequenos gestos ameaçadores. Só depois, ele saberia que o que ele empunhava na mão direita era uma lâmina de barbear envolta num pedaço de papel. Acuavam-no, também curvadas, também cautelosas e também brandindo objetos cortantes, três prostitutas do prostíbulo em frente. Uma delas, a mais gorda e baixa, em combinação lilás, gritava palavrões.

Seu primo Herédia tinha nessa época vinte e dois anos e fama de inconstância nos empregos. A mãe do rapaz atribuía o fato à má sorte ou à magia negra dos invejosos. As comadres do bairro, ao seu caráter. Era conhecido por Meia Cara, porque tinha uma mancha de nascença que lhe atravessava o rosto, dividindo-o de alto a baixo, em duas partes iguais.

O menino Hernando, maravilhado, viu seu primo dar uma ágil volta e saltar a cerca de bambu que separava o pátio das casas da calçada de terra. Desapareceu no taquaral. Ficou no chão o chapéu panamá e ecoando no mormaço o alarido das três prostitutas.

A segunda vez que tornou a vê-lo, foi dez anos depois. O bibliotecário Arquimedes passou na farmácia onde o jovem Hernando aplicava injeções e sussurrou-lhe que precisavam beber um café no bar da esquina, após o expediente. A tarde chuvosa se ar-

rastou. Não era comum Arquimedes procurá-lo. A conversa no bar foi rápida, enquanto Arquimedes limpava os óculos.

— Vamos estrear a enfermaria. — Ante o olhar estupefato de Hernando, acrescentou: — Chega um ferido da montanha, esta noite.

Já eram mais de onze horas e a chuva não parava quando bateram na porta. Abriu-a e entraram dois homens carregando um terceiro. Estavam encharcados. O chão foi ficando molhado. Depositaram o ferido na cama. Tiraram-lhe a roupa molhada. Enrolaram-lhe em cobertores de lã. O homem tremia.

— Onde é o ferimento? — perguntou Hernando.

— Não está ferido — respondeu um dos homens e só então Hernando, assustado, compreendeu que falava com o comandante de operações da região, um dos homens mais procurados da Colômbia. Alto, enorme, barbas e cabelos eriçados, já tirando um charuto da jaqueta militar e começando a acendê-lo, sua voz enchia a pequena sala de madeira. — Está com febre e muito cansado. Há mais de uma semana não temos quinino. Vai descansar uns tempos por aqui. — Olhou duro para Hernando. — Você fica responsável por ele.

Quando Hernando identificou o doente com seu primo Herédia, desvendou o mistério de seu desaparecimento, três anos atrás. Era difícil reconhe-

cer o primo no mataga e de cabelos, na magreza nazarena, nos olhos cintilantes de febre. Preparou-lhe um chá de malvas, aplicou-lhe injeção para dormir e velou-lhe o sono até a madrugada, quando também adormeceu.

O dia na farmácia transcorreu nervoso. Jantou mal, deu uma desculpa para a mãe que o olhou apreensiva e correu para a "enfermaria". O primo Herédia estava de barba feita, cabelo cortado, banho tomado e vestia uma roupa nova.

— Ganhei do Arquimedes. Está sob medida, não?

Do homem da véspera só tinha a magreza. Pôs um braço protetor sobre o ombro de Hernando, olhou-o penetrantemente nos olhos e articulou com voz intensa:

— Preciso de um favor muito importante do primo.

— Um favor?

— Trezentos pesos. — Baixou os olhos, apanhou um cigarro e bateu-o demoradamente na unha do polegar. — Não me pergunte para que é. Não posso dizer.

Nessa noite, muito tarde (a princípio pensou que era um pesadelo) ouviu vozes discutindo. Em seguida, num sobressalto, descobriu que estava acordado. Saltou da cama, o revólver na mão, o coração disparando. Acendeu a luz. A cama de Herédia estava vazia. Abriu a porta e saiu, pronto para tudo. Ao luar, dois homens se enfrentavam. O primo Herédia tinha um revólver na mão e o outro, Ramirez, um dos capatazes da Petrolífera, bradava-lhe a lista mais completa dos palavrões mais insultuosos da região.

— O que está acontecendo? Vocês ficaram loucos?

O café devolveu a Ramirez o ar que a raiva lhe tirara. Apontava para Herédia, aca-

brunhado, sentado na cama.

— Imagine que dei por falta de minha bicicleta e resolvi dar uma busca para ver se a encontrava. Sabe onde a encontrei? Em frente ao prostíbulo da negra Emerência! Esperei quase uma hora para ver quem era o ladrão. — Levantou-se, lívido, punhos cerrados: — o nosso ferido! Botando em risco a segurança de toda a área. Traidor! Vai se ver com um tribunal revolucionário!

O primo Herédia foi salvo do tribunal revolucionário graças a uma investida das forças repressivas, que empurrou a guerrilha do leste colombiano até a fronteira com a Venezuela.

E foi preciso que passasse mais uma década para que Hernando Cardona voltasse a ter notícias de seu primo. Estávamos no conforto discreto da biblioteca central de Copenhague, folheando jornais latino-americanos e vendo a neve prematura de dezembro cair silenciosa lá fora. Hernando passou-me uma revista e apontou a fotografia de quatro guerrilheiros em um jipe, entrando vitoriosamente em Manágua.

A legenda dizia: "Valerosos integrantes do batalhão Colômbia, que ajudaram a Frente Sandinista na derrubada da ditadura de Somoza e na vitória da Revolução. Da esquerda para a direita . . ." E desfilava o nome e o posto dos quatro. O último era o comandante Herédia Villareal de Castro, "aliás El Pillo, aliás Media Cara". Apesar da reprodução não ser boa, via-se perfeitamente o sorriso e a mancha dividindo o rosto.

Devolvi a revista sem dizer nada. Aceitávamos, humildes, a dádiva oferecida. Lá fora, a neve continuava, silenciosa como nosso assombro.



O QUE

Esta é a primeira de uma série de entrevistas que passamos a publicar com os pretendentes ao Governo do RS. Iniciamos com Olívio Dutra, vice-presidente nacional, presidente regional, um dos fundadores e candidato do Partido dos Trabalhadores. Dutra, 41 anos, bancário que já foi jornalista e professor de inglês, é considerado zebra na corrida ao Palácio Piratini, mas sua cotação eleitoral cresceu após o debate da TV Guaíba, quando sua franqueza para colocar as propostas do PT recebeu elogios unânimes. Para Lula, ele é o maior político do país.

O **Coojornal** conversou durante quatro horas com Olívio Dutra em seu apartamento num conjunto do BNH, onde mora com a mulher, a professora primária Judith, e os filhos Espartaco e Laura. Ele recordou suas origens, lembrou com bom humor sua primeira greve, falou de sua formação cultural, destacando Teillard de Chardin e Mário Quintana, criticou com rispidez os demais partidos, atacou com igual vigor os Governos pós-64 e o populismo, previu como será o Governo do PT e sintetizou a tarefa do seu partido com esta frase: "Queremos dignificar a ação política".



Fotos: Luiz Eduardo Achutti

"Só agora meus pais fazem política"

- Quem é Olívio Dutra?

- Sou bancário há 21 anos. Entrei no Banco do Estado do RS, em São Luiz Gonzaga como contínuo. O mercado de trabalho estava tão restrito que havia concurso até para contínuo. Éramos 17 jovens disputando uma vaga e eu passei. Meu pai era carpinteiro, que veio do interior de Bossoroca, onde trabalhava como agregado de um fazendeiro, e tornou-se carpinteiro. Hoje ele está aposentado, mas como ganha menos de três salários mínimos, é obrigado a trabalhar. Eu tinha entrado num colégio dos padres franciscanos menores conventuais, uma ordem americana que tinha três missões, em todo o país. O colégio era pago e eu estudava num regime de semi-internato, tendo que fazer a limpeza para pagar o estudo. Na época, eu e um grupo de jovens fazíamos trabalho comunitário da Igreja, fazendo caridade e falando

da realidade social. E tinha outras atividades. Ajudava o velho em empreitadas, vendia frutas de nossa pequena horta e mais tarde trabalhei como jornalista no "A Notícia", de São Luiz.

- Coincidência. O Collares também foi jornalista.

- Não é uma questão de disputa de quem teve a infância mais humilde. O Murilo Macedo diz que foi bancário e até o banqueiro Magalhães Pinto fala que é um bancário bem-sucedido. A questão é manter um vínculo permanente com os setores de onde somos originários. Lembro que meu pai era do PTB e quando chegava época de eleição, meu irmão, que era bom desenhista, era chamado para fazer a propaganda do Jango, do Pasqualini. Depois, meu velho se orgulhava.

- Quantos filhos eram?

- Cinco, três homens e duas

E QUER O PT?

mulheres. Vamos nos comícios ver o pessoal fazer discurso, a gente empolgava, minha mãe, particularmente. Mas depois eles falavam entre si e a gente notava que não tinham muito entendimento dos discursos, achavam a coisa bonita, mas que não acrescentava quase nada. Eu nunca vi meu pai sequer falar em reunião de bairro.

— Ele continua trabalhista?

— Não. Ele, minha mãe, todo mundo é PT. E o PT de São Luiz tem um trabalho muito sério, muito rico em organização de bairro e nucleação. E meus velhos pela primeira vez, depois de 60 ou 70 anos,

Existe muito colonialismo na esquerda

estão realmente fazendo política, participando de reuniões. Lembro que um tio, que trabalhava em armazém, certa vez foi preso colando cartazes contra o Getúlio Vargas, lá por 52. Parece que era tarefeiro do PC. O Pedro Goela. Votava no PTB, mas era crítico e discutia com meus pais. Quando ele estava preso fui visitá-lo. Tinha uns 14 anos. Pois em 79, quando fui preso na Polícia Federal, durante a greve dos bancários, ele veio me visitar, dizendo: "Agora tocou a minha vez". Hoje, Pedro Goela é ativo militante do PT. Mora numa vila em Porto Alegre.

— Como ocorreu tua politização?

— Lembro que na véspera da eleição de 1962, um fazendeiro, cabo-eleitoral do PTB, foi até nossa casa saber como seria o voto da família. O candidato do PTB era um banqueiro, o Egydio Michaelen, que concorria contra o Meneghetti, da UDN, e o Fernando Ferrari, do MTR, dissidência do PTB. Acontece que eu já era bancário e naquele ano houve uma greve da categoria. Como fazia o serviço externo do banco, fui encarregado pelo pessoal de fazer os contatos e acompanhar a greve pelo rádio. A maioria dos bancários morava em outras cidades e viu na greve a oportunidade de fazer feriadão. E o pessoal da cidade muniu-se de cerveja e foi pescar na costa do rio. Mas eu tive que ficar na cidade. Quando terminou a greve, tive que me virar para avisar todo mundo e muitos companheiros chegaram dois dias depois.

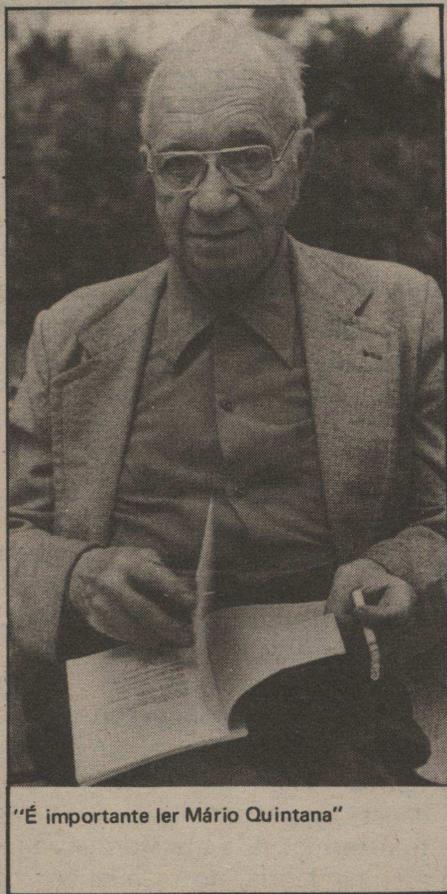
— Tu não tinhas vontade de ir para o rio?

— Claro que tinha, pra tomar cerveja. A greve acabou num repen-

te e nós não levamos muita coisa, porque o candidato do PTB era um banqueiro. Companheiros mais antigos me relataram que foram procurar o Brizola, para que ele garantisse a greve, mas ele atendia ora bem, ora mal, dependendo das pressões que recebia dos banqueiros, que estavam articulando a candidatura do Machaelsen. Acabei votando no Ferrari e acho que a maioria dos bancários não votou no PTB. Foi uma experiência, um processo em que a gente vai amadurecendo. Também fui presidente da União Sanluizense de Estudantes. Fizemos uma chapa de oposição para tornar a entidade reivindicativa. O presidente da União Gaúcha de Estudantes (Uges) era o Aluizio Paraguassu, que tinha um discurso de esquerda. Hoje, ele está léguas atrasado. Aliás, ele e o Eloy Lenzi, ambos do PDT, foram dos únicos parlamentares da oposição que não estavam presentes da votação do Pacote Previdenciário.

— Como sentiste 64?

— Eu não tive maiores preocupações. Minha consciência política não estava no nível de achar que 64 fosse o que realmente foi, um violento golpe no movimento popular. Meu 64 aconeceu em 70, quando fui transferido às pressas para Porto Alegre, em pleno Governo Médici. Estava casado e minha mulher estava grávida. Tinha entrado em conflito com o prefeito de São Luiz, João Loureiro, que era cunhado do então presidente do Bannisul, Gustavo Land. A primeira coisa que fiz foi filiar-me ao Sindicato, que estava saindo de uma intervenção, a segunda depois de 64. A diretoria, apesar de eleita, es-



"É importante ler Mário Quintana"

tava muito retrancada, muito temerosa a assembléias não reuniam mais de 10, 15 bancários. Aí, já era escriturário do banco.

— Quanto ganha um escriturário?

— Um cara como eu, com 21 anos de serviço, ganha pouquíssimo, mas comparado com outros trabalhadores até que é um salário razoável. Recebe Cr\$ 80 mil mensais. O salário médio da categoria não chega a três salários mínimos. Em 1975, fui convocado para assumir o Departamento de Divulgação e Cultura do Sindicato, que fazia



circulares, organizava debates e editava o jornal *O Bancário*. Eu não tinha prurido de andar com papéis debaixo do braço, não era um bancarozinho que tem que aparecer bonito para o patrão. Cansei de dormir no Sindicato e é esse trabalho junto com os companheiros que garante um aumento de participação do bancário no Sindicato. Claro que isso acontece junto com o movimento social do país, não são lutas isoladas. A gente erra junto, acerta junto e cresce junto.

— Qual é a tua formação cultural?

— Fiz a faculdade de Letras e terminei a licenciatura curta. Além disso, li muito durante uma época da minha vida, justamente quando estudei no colégio de padres. Quando garoto li toda a coleção do Tesouro da Juventude, depois a edição completa do Dom Quixote, gostava dos romances do Érico Veríssimo e da poesia do Mário Quintana, que balançava os princípios rígidos da Igreja com sua visão de mundo não religiosa. Na época tinha em São Luiz uma turma que se reunia no quiosque para tomar trago e discutir literatura. Eles recitavam Augusto dos Anjos, comentavam *Geopolítica da Fome*, do Josué de Castro, *Eça de Queirós*. A gente acompanhava meio de longe o debate entre Igreja e marxismo e lembro que nessa época li livros importantes, como *A Vida de Cristo*, um clássico do francês Ernest Renin, *Por Que Não Sou Cristão*, do Bertrand Russell, as obras do Teillard de Chardin, que me marcaram muito, *Humanismo e Terros*, de Merleau Ponty, uma crítica ao stalinismo, *Origens da Família, da Propriedade Privada*

e do Estado, do Engels, *Princípios Fundamentais de Filosofia*, de Georges Poulitzer. Alguns desses livros passavam de mão em mão, mas depois eu me tornei recordista de pedidos de livros por Reembolso Postal. Hoje tenho que ler relatórios, trabalhos de comissões e não sobra muito tempo para ler romances, novelas. Mesmo assim, li recentemente *Batisto de Sangue*, do Frei Betto, e *Bacia das Almas*, do gaúcho Luiz Assis Brasil, sobre caudilhismo. Acho, por exemplo, que três tiras do *Rango* do Edgar Vasques valem mais do que um pseudo tratado de filosofia. Existe muito colonialismos na esquerda. Sabem mais das divisões na esquerda europeia do que sobre o problema do negro no Brasil. Acho que a literatura deve reforçar a prática e não orientar a prática.

— Tu tiveste uma formação cristã...

— É, a partir do colégio e da família que, quando estava bem era cristã e quando estava mal virava espiritualista, umbandista. Eu sou um cristão, mas não um católico militante. Não tenho aversão à Igreja

Não existe coisa mais bonita que missa cantada

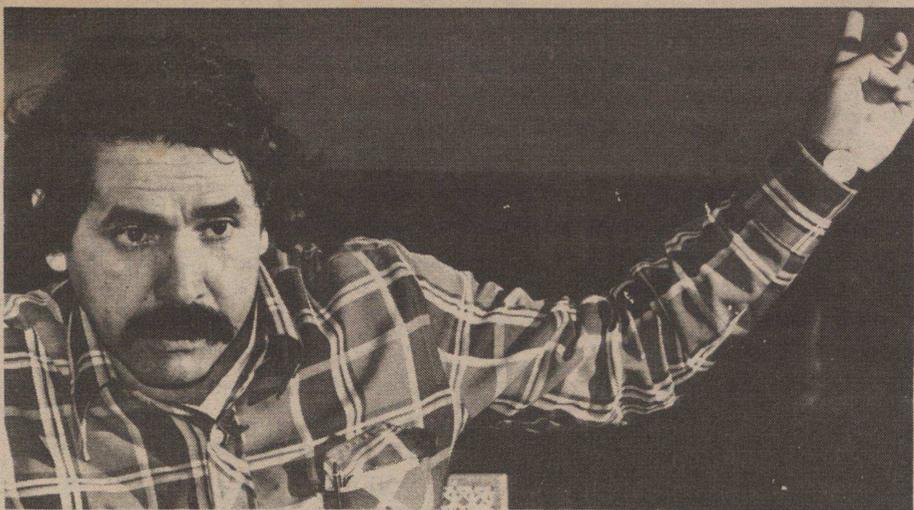
ja enquanto instituição. Sinto uma paixão enorme quando entro numa Igreja, pela forma como desperta a vida comunitária, e não há espetáculo mais bonito que uma missa cantada. Naturalmente, minha visão em relação ao papel da Igreja é crítico. Sempre houve setores ligados à base, ao trabalho popular e cúpulas monoliticamente comprometidas com o conservadorismo e com as classes dominantes. Hoje esta cúpula está dividida e existem pessoas como dom Paulo Arns e dom Aloísio Lorscheider, companheiros que estão com uma posição muito digna e muito clara. Mas no RS, por exemplo, a Igreja é responsável pelo atraso da organização na área rural, pois tratou de criar uma organização sindical para barrar a discussão da reforma agrária.

— Tu acreditas em Deus?

— Acredito é na força popular. Essa força é que reproduz valores e tem condições de, mobilizada, transformar a sociedade e criar o Reino de Deus na Terra.

— Como surgiu o PT?

— Com a nossa experiência de enfrentamento à intransigência patronal, à exploração, foi possível fazer uma ligação entre as lutas históricas da classe trabalhadora e os instrumentos para fazer com que



"Explorador é quem estimula e favorece o aviltamento de outra pessoa"

as propostas cheguem até a sociedade. Fazíamos política na periferia, com bordado dos partidos tradicionais, quando éramos convidados para bater palma em comício e votar nos candidatos já prontos. Dessas lutas, demos um salto qualitativo e tivemos condições de questionar o poder. Se ficássemos apenas fazendo política sindical, reivindicatória, ficaríamos repetindo essas lutas de ano para

A política não é a arte da sacanagem

ano e as leis continuariam sendo feito por outros. O PT surgiu simultaneamente em três pontos: São Bernardo, é claro, Porto Alegre e Belo Horizonte, onde diferentes categorias levantaram, em 1977, a questão partidária.

— Quais as pessoas que participaram desde o início?

— Eram 10 ou 12 pessoas. O Lula, o Jacó Bittar, nós, o Wagner Benevides, o João Paulo Pires de Vasconcelos, de João Monlevade (MG) e vários outros. As discussões eram genéticas, sem a intenção de engavetar ninguém dentro do partido. Inclusive alguns companheiros que estavam conosco, estão hoje em outros partidos. Se discutia as bandeiras levantadas pelo único partido da oposição, o MDB, nas eleições de 74, 76 e 78, que havia sido levantadas anteriormente pelo movimento sindical. Nós percebíamos que os políticos não faziam essas referências, de que as bandeiras eram resultado da luta popular concreta e constante. Discutíamos o populismo, que o trabalhador era chamado para aprovar decisões prontas e resumir sua participação política ao depósito do voto, em dia de eleição. Vimos que a saída era nos organizar num partido político próprio, feito por nós, na defesa dos interesses da maioria da população.

— Comenta-se que o PT é formado por uma parcela muito grande de estudantes em relação ao contingente de trabalhadores...

— O PT tem uma presença muito forte entre os estudantes secundaristas e universitários e nos orgulhamos disso. Mas sabemos que deve existir um processo de discussão muito intenso para que não se peque pelo vanguardismo. Os estudantes levam lutas que interessam à classe trabalhadora, como o ensino público e gratuito, a democratização da universidade e uma educação libertadora. Mas elas devem ser levantadas, no partido, ao ritmo da classe trabalhadora e não de uma vanguarda. O PT tem os melhores quadros na área acadêmica, mas também tem quadros muito ri-



cos entre as lideranças emergentes do movimento popular. Eu tenho uma posição pessoal de que a direção do PT, sua base de sustentação, deve ser dos companheiros do setor secundário, ligados à produção. Nós, trabalhadores terciários, por mais proletarizados que estejamos — a maioria dos bancários, por exemplo, tem salários inferiores aos dos metalúrgicos — devemos ser massa do partido. É que nossa origem é da pequena burguesia empobrecida, que tem suas visões imediatistas, doutrinárias e até mesmo autoritárias, enquanto os companheiros operários têm menor pressão desses vícios e destas picuinhas. Sou criticado por alguns companheiros, como o próprio Lula, porque não ousei estar na frente, na direção do partido, mas quero que minha passagem pela direção do PT seja rápida.

— Numa sociedade em que os governantes são oriundos das elites, um bancário é candidato ao Governo. Como esta questão é vista por ti?

— Isso só pode ocorrer justamente pela existência do PT. Então quando se questiona o fato de um bancário, um operário da construção civil ou um metalúrgico serem candidatos o que se está questionando é o próprio PT. E se está reproduzindo a visão que as elites produziram e espalharam ao longo de séculos, de que política é para especialistas. A política deve ser readquirida por quem deve exercê-la, ou seja, a maioria da população, que é a classe trabalhadora. O PT se propõe a fazer a unidade dos explorados e recuperar a dignidade da ação política. A política não é a arte da sacanagem, da malandragem, da sem-vergonhice, do golpe aqui e ali. Recuperar a dignidade da ação política é fazer com que a maioria da população aja politicamente.

— Tu achas que os bancários vão votar em ti?

— Acho, pela consciência de suas lutas, pela identificação profissional e política com a gente e por termos passado pela direção da categoria. Mas existem bancários que estão ligados a outros partidos de oposição e até da situação.

— Até que ponto as expressões explorados e exploradores, utilizadas pelo PT, são sinônimos empregados e empregadores?

— O relacionamento não é mecânico. Nem sempre o empregador é explorador, mas quase todo o empregado é explorado. Nós achamos que o explorador não se caracteriza apenas porque é dono dos meios de produção, mas além disso por estimular e favorecer uma prática de aviltamento econômico e moral de outra pessoa.

— Desta forma, quem faz chantagem emocional é explorador?

— Pode ser. A gente não quer cair num terreno subjetivo. A sociedade organizada no interesse da maioria naturalmente seria mecanismos coletivos e democráticos

A esquerda ortodoxa se julga dona da classe operária

para evitar isso. Claro que nenhuma sociedade vai criar pessoas certinhas, programadas para não errarem.

— Essa divisão entre explorador e exploradores vem do marxismo...

— Mas o marxismo não surgiu do nada. Surgiu de uma avaliação da realidade. A minha realidade de bancário é diferente da realidade do banqueiro, assim como a realidade dos que vivem em vilas é diferente da dos que moram em bairros da elite. Não é mascarando isso que vamos acabar com estas desigualdades, mas assumindo é que vamos transformar. E a transformação não está na teoria, no manual. Aí nós criticamos a esquerda ortodoxa tra-

dicional, mas gostaríamos que seus partidos fossem legalizados para fazer um debate aberto. A consciência crítica deve ser desenvolvida sem doutrinário, sem dirigismo e sem burocratismo. Existem determinadas correntes da esquerda ortodoxa que atacam o PT com o mesmo vigor e até maior do que o PDS. Nosso entendimento é que eles se sentem ameaçados pela existência do PT. Na verdade, se sentem proprietários da classe trabalhadora. Nós não queremos repetir esses erros, de sermos massa de manobra nem da burguesia nem da pequena burguesia radicalizada e burocratizada.

— Para o PT, o que é prioritário?

— O PT não é oportunista, nem joga tudo nas eleições. Não vendemos a ilusão de que se ganharmos, os graves problemas estarão resolvidos. Estamos disputando em igualdade de condições, mas entendemos que uma vitória nossa não vai se contar pelo número de parlamentares que conseguirmos eleger e sim pelo saldo de organização popular.

— Alguns calculam que o PT fará 300 mil votos. Tu concordas?

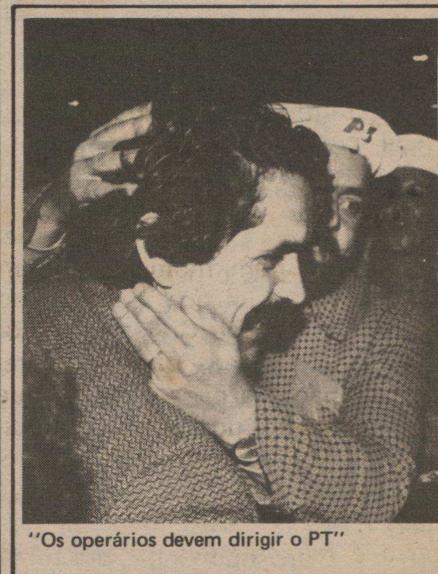
— Acho pouco, porque a classe trabalhadora é a maioria.

— O crescimento do PT é um risco para a vitória da oposição?

— Nós queremos esse saldo, mas também a derrota do PDS. Nossa intenção não é trocar um PDS por um PDS recauchutado que pode ser até um dos partidos da oposição. Não vemos distinção entre um banqueiro do PDS e um do PMDB, entre um fazendeiro do PDS e outro do PDT. Os dois exploram da mesma forma.

— Mas tu disseste que o PT quer a derrota do PDS...

— Existe um regime e seu partido, o PDS. Precisamos derrubá-lo. Mas atrás existe um sistema que engloba os partidos tradicionais da oposição. E todos precisam ser derrotados. Não podemos engambelar o trabalhador, dizendo que devemos votar nos candidatos da classe dominante que têm chances de vencer. Existem contradições secundárias dentro do sistema que provocam o surgimento de partidos de oposição, porque todos querem en-



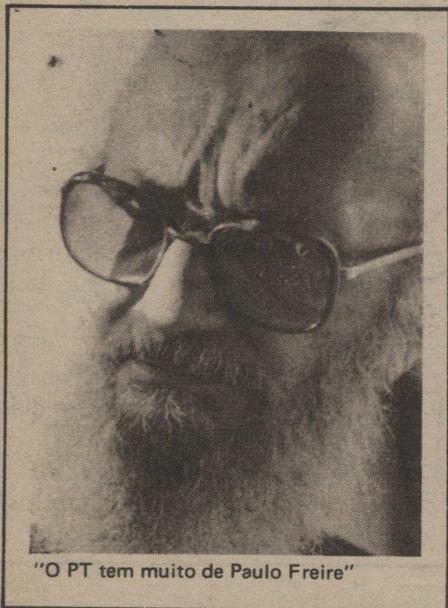
"Os operários devem dirigir o PT"

Aos fazendeiros, a oposição não fala em reforma agrária

trar agarrados na máquina do Estado.

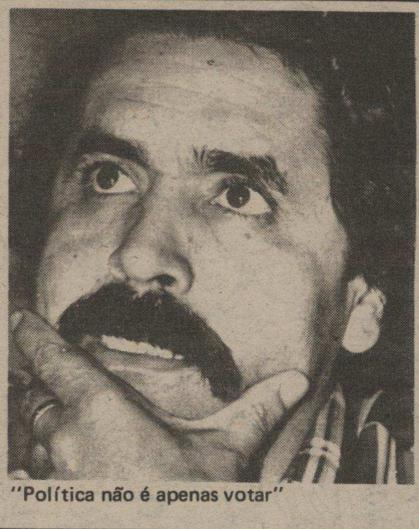
— A vitória de um partido de oposição não abriria maior espaço para a organização popular?

— Nós já tivemos experiências de vitórias dos partidos tradicionais na política brasileira, tidos como de oposição. Tivemos o populismo, antes de 64, que se opunham às



"O PT tem muito de Paulo Freire"

grandes oligarquias, mas que, na verdade eram parte dessa oligarquia. Quando as classes dominantes se desentenderam entre si e uma facção mais conservadora se sobrepôs à liberal, nesta luta entre o mar e o rochedo, a classe trabalhadora serviu de marisco... O próprio MDB, que chegou a ter um número enorme de preferências na mãos, com maiorias absolutas na Assembleia de São Paulo, por exemplo, onde o MDB fez maioria, foi toda comprada pelo Maluf e hoje pertence ao PDS. As prefeituras que estão com a oposição não se distinguem das do PDS. Em várias delas, as lideranças comunitárias sequer são recebidas e os professores municipais são reprimidos. O PT não confunde os interesses dos fazendeiros com os dos peões, dos empresários e dos operários, porque aí não seria partido e não estaria dizendo coisa nenhuma. Estaria fazendo conciliações. Não é uma questão pessoal. Tenho a maior simpatia pelo senador Pedro Simon, que acho uma figura importante na política do RS, um cavalheiro, que merece respeito pelo papel que desempenhou num momento importante da luta política. Assim como o deputado Alceu Collares. Mas os interesses que seus partidos representam não são nada mais do que uma extensão dos partidos tradicionais. O PT tem um importante papel a desempenhar aqui no RS, que é quebrar essa idéia de que povo é rebanho dos caudilhos, de que o trabalhador gaúcho ainda vive



"Política não é apenas votar"

a elogiar a figura do pai dos pobres. Nós temos que criar a consciência de que fazer política não se esgota no depósito do voto na urna.

— Nisso aí, não existe muito de Paulo Freire?

— Mas o Paulo Freire é companheiro de Direção Executiva do PT. Eu lembro que naquele movimento pelo ensino gratuito, em São Luiz, nós líamos seus textos sobre educação.

— Em determinado momento, na formação do PT e de outros partidos, foi colocada a questão de manter a frente...

— Nós sempre colocamos a questão de manter a unidade na prática. Por exemplo, na luta dos trabalhadores de Ronda Alta. Nós chegamos a propor que os partidos que possuem bancada na Assembleia boicotassem os projetos do Executivo até uma solução favorável aos colonos. Os partidos de oposição não fecharam com isto e chegaram a dizer que os projetos do Executivo são de interesse do Rio Grande. Mas quando houve a disputa pela mesa e o PDS ganhou na Justiça, então eles ameaçaram boicotar os projetos. Quer dizer, como era uma questão de cargos, os projetos do Executivo não eram mais de interesse do Rio Grande. Quando a Polícia foi ao Pólo Petroquímico bater nos operários que reclamavam três meses de salários atrasados, era hora de abrir as baterias contra a repressão, pois quem era para ir preso eram os empresários. Mas não. Os partidos estavam perdidos em questões secundárias.

— E em termos de eleição em que o PT difere dos demais partidos?

— Os comícios do PT não têm esquema de condução fácil, o partido não possui cabos-eleitorais pagos a peso de ouro. O trabalho do partido é lento, fruto das pessoas que se reúnem, debatem e se organizam. O PT não tem dinheiro, pois tem origem entre os que não têm dinheiro. São essas práticas que distinguem as propostas. Qual a prática dos partidos tradicionais? Continua sendo aquela macarrônica de anos de fazer discurso segundo a platéia. Se o público é formado por trabalhadores urbanos, então falam em socialismo. Mas se for no interior, falar para fazendeiros, já não se fala em socialismo nem em

reforma agrária. O discurso é para agradar o freguês, e não para expor um programa coerente.

— Quais as perspectivas eleitorais do PT?

— O PT não tem ilusões de que de repente passe a ser aceito por toda a classe trabalhadora. Existe um esquema de propaganda oficial, a máquina dos partidos tradicionais, a ideologia das classes dominantes jogada constantemente aí por todos os meios e todas as formas. Nós temos a perspectiva de eleger dezenas de vereadores, vamos ter representação da Assembleia Legislativa, vamos eleger companheiros para a Câmara Federal, e isso, para quem não tinha nada, é um crescimento de 100%. Aqui no Rio Grande do Sul estamos presentes em mais de 70% do colégio eleitoral e não estamos achando que estamos perfeitos, já que enfrentamos muitas dificuldades, porque a classe trabalhadora vive em dificuldades. Estamos construindo o partido.

— Se o PT ganhar a eleição, qual será a tua primeira providência no Governo?

— O PT tem um lema. São três palavrinhas: Trabalho, Terra e Liberdade. O Governo do PT seria um Governo com a comunidade efetivamente participando, não só para aplaudir, mas no levantamento de questões. Nós estamos vivendo num Estado que tem em torno de 300 mil trabalhadores desempregados ou subempregados. Existem no RS 130 mil famílias perambulando de um canto para outro, esperando terra. Então precisamos de uma política que gere emprego, para não di-



zer pleno emprego. E só a classe trabalhadora no Governo é capaz de ter uma política realmente geradora de emprego. O êxodo rural deve ser atacado, com uma política agrária diametralmente diferente dessa que está aí implantada, voltada para a exportação e liquidando a agricultura de subsistência. A gente sabe que o Estado perdeu autonomia para considerar uma área de latifúndio e fazer a reforma agrária, mas os trabalhadores têm condições de se mobilizar e pressionar o Governo Federal. O Estado tem que exercer um papel fundamental, fazendo chegar ao campo, a escola, o hospital, o centro de cultura e lazer e a estrada. Deve incentivar a organização cooperativa na área de produção ligada à área de consumo na cidade. Criar espaços próprios na cidade para que o pequeno produtor

rural possa colocar seu produto à venda diretamente para acabar com o intermediário. Nós temos que desenvolver essas políticas, não dos gabinetes, mas na integração da equipe do Governo com a ação da comunidade. Nós temos uma política de crédito orientada pela Caixa Econômica e Banco do Estado altamente centralizada e dirigida

Não vamos botar a polícia no calcanhar do trabalhador

pelos interesses de uma minoria de empresários. Esse sistema deve ser reorientado ao benefício das camadas populares. O crédito rural é um fiasco e serve para financiar quem já tem propriedade.

— Uma política de pleno emprego depende da atividade industrial e dos empresários. Como o PT se relacionará com eles?

— Bem, a reforma agrária está dentro de uma política de geração de emprego. Outra coisa, é criar medidas concretas. Por exemplo, na França existe uma luta antiga pela redução da jornada sem redução de salário e que passou de 40 para 39 horas semanais. Nós aqui temos há muito tempo esta reivindicação. E isto possibilita a abertura do mercado de trabalho. Também temos que acabar com as horas extras. Um bancário que faz duas horas extras por dia, em três dias está tirando a vaga de um colega. Temos que eliminar as horas extras, mas dando um salário digno para o trabalhador e estabilidade no emprego, eliminando a rotatividade que é uma maneira de baixar o salário. Não é dando dinheiro ao empresário, na forma de incentivos fiscais, que se vai dinamizar um setor. Há que aumentar efetivamente o salário, incrementando o consumo interno. Havendo compradores, outros setores se dinamizam. Uma política de incentivo de gêneros alimentícios, roupas, móveis simples, mas dignos. O Governo não faz isso porque não interessa o mercado interno e sim as exportações.

— O que faz o PT, em caso de conflitos sociais?

O PT desencadearia um processo de mobilização e organização e aí vamos construir a democracia que nunca tivemos. Uma coisa é certa. O PT não vai colocar a polícia no calcanhar do trabalhador nem prender quem reivindica. Também não vai intervir nos sindicatos de trabalhadores. Talvez possamos, pela primeira vez, intervir no Sindicato dos patrões, mas não queremos fazer isso. Nós queremos uma sociedade que busque o equilíbrio através de uma solução democrática, com o atendimento das reivindicações da maioria, que é a classe trabalhadora.



SANTIAGO & PORTINARI

A UNIDONTO PROPÕE A TODAS AS COOPERATIVAS UM BOM NEGÓCIO

- A Unidonto oferece assistência odontológica pelo sistema cooperativista.
 - A Unidonto oferece consulta e tratamento odontológico com hora marcada.
 - A Unidonto oferece seu plano de assistência familiar.
 - A Unidonto oferece preços mais baixos.
- Solicite a presença de um executivo da Unidonto.



Unidonto Porto Alegre Av. Voluntários da Pátria, 527 — 4º andar — Conj. 48 — Fone: 26-0246

VOTE COM O COOJORNAL

Chegue nas urnas com a camiseta de quem sabe das coisas:

conhece as
posições do
LULA



a retórica do
JÂNIO



os feitos do
JAIR



os projetos do
COLLARES



as propostas do
SIMON



e a campanha do
OLÍVIO



Além das transas da Ivete com o Brizola, conte com outros ingredientes importantes numa decisão política, como informações sobre comportamento ou ecologia e cultura. Na imprensa independente, os fatos sem manipulação.

Assinatura para o exterior US\$ 60,00
Assinatura anual por apenas Cr\$ 1.900,00
(Porte a pagar para assinatura do interior do RS e outros estados)

Coojornal
Rua Comendador Coruja, 372 — CEP 90.000 — Fone: 335099
Porto Alegre — RS

Cupom de assinatura Coojornal

Nome: _____
End: _____ Nº: _____
Bairro: _____
Cidade: _____ CEP: _____
Estado: _____
Profissão: _____

FAÇA SUA ASSINATURA E GANHE A CAMISA DO COOJORNAL

Rinocerontes em surto

Uma das polêmicas mais ruidosas surgidas às vésperas da convenção do PMDB que escolheu os candidatos para 15 de novembro: o curioso apoio dado por dois grupos, até então considerados da esquerda, ao Sr. Synval Guazzelli para vice-governador na chapa de Simon.

Esta coluna tem a chave do enigma.

Um dos grupos, ligado ao jornal "Hora do Povo" tem a coerência política e o equilíbrio de um rinoceronte enfurecido. Entre outras posições pitorescas que vêm marcando sua atuação, foi o único setor do PMDB que defendeu o ingresso de Jânio Quadros no partido. Os especialistas acreditam que essa tentativa de ressuscitar Guazzelli é apenas mais um surto do pessoal da "H.P."

Em relação ao outro grupo, ligado ao jornal "Voz da

Unidade", que as línguas mais compridas chamam de "radical da cautela", as razões são simples e imediatas: é que, não sendo candidato a vice-governador, Synval Guazzelli será candidato a deputado federal, o que torna a reeleição de seu primo Eloar Guazzelli (candidato oficial da "V.U." a federal) inviável, pois Synval domina os redutos da família Guazzelli em Vacaria, Bom Jesus, Lagoa Vermelha, Esmeralda, etc.



Memória

Eu gostaria de saber quanto os jogadores da seleção brasileira vão pagar ao País pela derrota na Espanha. Pela vitória, eles queriam que o País desse Cr\$ 30 milhões a cada um.

Este colunista não tem rancor. Tem memória.

J. Samuel responde

Entre as dezenas de cartas recebidas, sou forçado a responder apenas algumas, por absoluta falta de espaço.

"Acho verdadeiramente trágico que o Coojornal, um órgão que se caracterizou por ser verdadeiro baluarte da imprensa avançada durante os tempos de obscurantismo e repressão em nosso País, abra suas páginas para uma seção de frescuras, sim, isso mesmo, frescuras, que é a tal seção de J. Samuel". Mario Ribas Coutinho, Pelotas, RS.

Esse tipo de reclamação deve ser encaminhado diretamente à direção do Coojornal.

"Gostei. Gostei dessa sua coluna, caro J. Samuel. Especialmente pela variedade de informações... e por alguns furos: a notícia do vinho de panela, por exemplo. Embora a grande imprensa tenha ignorado, foi a melhor festa do primeiro semestre. Mas... aqui entre nós, quem é J. Samuel?" Vera Lucia Aspen Klabin, Porto Alegre.

J. Samuel sou eu, Verinha.

"Temos a honra de convidá-lo para a nossa grande festa 'Caça de Inverno', tradicional festivo anual de nosso clube. Traje: smoking ou fantasia". Clube dos Novos Caçadores. José Dinorah Teixeira, Porto Alegre.

Não posso comparecer, infelizmente, José Dinorah, sem antes saber o que é que vocês caçam nesta festa.

"O J. Samuel, pelo jeito é PMDB e não abre". Roberto F. Gouveia Neto, São Paulo, SP.

No mesmo dia da sua carta, chegou uma outra, anônima, acusando esta página de estar sendo financiada pelo deputado Victor Facioni, do PDS. Veja só que coisa somos obrigados a passar nós, jornalistas, modernos sacerdotes da informação, verdadeiros operários da notícia, caluniados, trabalhando demais, ganhando de menos (eu, por exemplo, estou ganhando menos do que um diretor da CEEE! isto significa: menos de Cr\$ 1.500.000,00).

J. Samuel informa:

Socorro!

Este colunista lamenta informar que perdeu uma estimada caneta "Parker 51", preta, tampa folheada a ouro.

Infelizmente, não escrevo à máquina e nem com caneta esferográfica. Sem a velha Parker e amplas folhas bem encorpadas de papel de linho, o meu texto não vai além, literalmente, de mal traçadas linhas. Por isso, este aviso não é um capricho; é um grito de socorro.

A alma piedosa que devolver o meu indispensável material de trabalho será dignamente recompensada.

O "suborno" de Rossi

Paolo Rossi passou dois anos suspenso, proibido de entrar em qualquer estádio de futebol oficial da Itália, acusado de suborno.

Só que não foi suborno para amolecer. O fato ocorreu quando o goleador jogava no Lanerossi de Vicenza, que ia jogar contra o Torino, última partida constante das apostas de uma espécie de loteria esportiva clandestina que existe na Itália. O pessoal da loteria, que tinha marcado o Lanerossi de Vicenza, "chapa", foi falar com Rossi, pedindo que ele ca-

prichasse. "Deixa comigo", disse o goleador e, como contra o Brasil, marcou três, na vitória de 3 a 1. Tempos depois, foi desbaratada a gang da loteria clandestina e um dos presos confessou ter conversado com Rossi antes daquele jogo, pedindo-lhe empenho e prometendo-lhe gratificação.

Na verdade, Rossi recebeu um bicho extra. Idêntico ao que Grêmio e Inter pagam aos nossos times do interior (sem jamais terem sido incomodados pela Federação).

Não somos os melhores

Vencemos a União Soviética com dois pênaltis não marcados a favor dos soviéticos e um gol deles escandalosamente anulado.

Depois de levar 1 a 0, só conseguimos empatar e depois derrotar a Escócia quando a bebedeira que o time deles tomou na antevéspera do jogo começou a fazer efeito: isto é, os astros, daquela nossa vitória foram Johnny Walker, Chivas Regal, Black & White, Ballantines, J&B e outros craques que, bem mais do que Toninho Cerezo e Sócrates, quebraram a resistência dos escoceses.

Contra a Argentina, antes do gol (um lance isolado e casual, lembrem?) do Eder, nossa seleção estava sendo massacrada. O gol de Eder foi o desembarque inglês nas Malvinas.

Contra a Itália, eles tiveram um gol (mal) anulado. Nós estivemos sempre atrás no marcador e eles fizeram os três gols por um único jogador, Rossi, que fez o primeiro, continuou solto; fez o segundo, continuou solto; fez o terceiro e aí, sim, passou a ser severamente marcado.

Brilhar mesmo, brilhamos contra a Nova Zelândia. Foi um domínio alegre e completo, o verdadeiro futebol brasileiro.

Mas a imprensa brasileira, especialmente a TV Globo decretou que nós éramos e continuamos sendo os melhores. Para alguns, perdemos em razão de uma injustiça: a vontade dos astros, os desígnios insondáveis do Cavalo Celeste. Para outros comentaristas, foi Serginho, ou Valdir Peres que - além de tudo! - não gritava com a zaga. Há quem reclame da falta de um Grande Capitão. O "ofensivo de Telê" também tem adeptos.

Nós, modéstia à parte, para perdermos, só por acidente.

Nossos jornais, rádios e a



TV que monopolizou a cobertura se encarregaram de vender ao público (com algum sucesso, diga-se de passagem) esses equívocos. Qualquer jogador estrangeiro de qualidade, ao fazer uma boa jogada, logo recebia, na transmissão da Globo a suprema medalha: "parece até jogador brasileiro", ou "este aí seria titular em qualquer time brasileiro". O inefável comentarista da Globo gritou com sua voz esganada no primeiro empate do Brasil contra a Itália: "Este gol abre o caminho para a goleada" (Pano rápido, diria Millôr Fernandes).

Na verdade, nós não somos melhores do que ninguém. Em futebol, como em qualquer esporte, ninguém é melhor. Quem vence, vence porque está melhor.

Um exército de comentaristas, locutores e repórteres brasileiros foram a Espanha para torcer e não para noticiar imparcialmente. Depois da eliminação do Brasil, veio o ressentimento em escala, fantástica, lembravam a toda hora o Brasil, durante os grandes momentos dos outros: "ah, se o Brasil estivesse aqui, hein, Luciano?"

Mas, apesar da carga maciça de desinformação, todos sabemos que, fora Falcão, os outros astros sumiram. Nosso futebol brilhou quando os juizes estiveram a favor,

Esporte e política

Um sábado desses, logo depois do almoço, caiu-me às mãos um "Correio do Povo" (ou terá sido a "Zero Hora") de domingo. (Do domingo anterior? pergunta o leitor mais arguto. Não. Do domingo seguinte. É que os jornais de Porto Alegre desafiam o tempo e noticiam os fatos de domingo já no sábado. Imagino que são equipados - quem sabe na sala de telex - com potentes bolas de cristal).

Eu viajava pelo futuro, lendo o jornal do dia seguinte, quando fui surpreendido com a notícia vinda do Planalto de que, "absolutamente", jamais alguém pensou em utilizar a Copa e a seleção para fins políticos, "muito especialmente ajudar o PDS em novembro".

Fico lembrando, quase dez anos atrás: governo Médici, tortura, censura brutal à imprensa. Eu viajava pela Europa, perseguindo acontecimentos que interessassem a jornais brasileiros para arrumar os francos que pagassem minha "baguette" com camembert, regada a "Côtes de Rhone", em Paris. Num certo sábado, a seleção brasileira perdera para a Itália, 2 a 0, um amistoso no estádio Olímpico de Roma. Domingo, fui à Bélgica cobrir/no autódromo de Nivelles, uma corrida de Fórmula-2 que teria a participação de Emerson Fittipaldi como franco favorito.

Na segunda volta o carro de Emerson quebrou. Ele voltou a pé aos boxes e comentou com os repórteres brasileiros (na maioria, de esquerda) que estavam por ali: "Mais um fim de semana como este, cai o Médici".

os adversários cansaram ou se perturbaram. Quando foi preciso categoria, energia e vontade - essas coisas que fazem as vitórias - todos se encolheram.

Os destaques da Copa ficaram com os que lutaram - com arte, com energia e, muitas vezes, dramaticamente, com sangue - pela vitória. Estou exagerando? Não. Antognoni teve um corte de sete pontos no dorso do pé, porque não encolheu a perna. Rumenigge terminou a Copa com uma perna seriamente machucada (entrou mancando para a prorrogação contra a França). O futebol da França era muito alegre, mas Platini, Batiston, Giresse, Rocheteau não puderam jogar contra a Polônia porque se machucaram contra a Alemanha (oito titulares da França se quebraram nesse jogo). Os verdadeiros heróis terminaram a Copa com as pernas roxas; Graziani, na final, de tanto empenho, contundiu até a clavícula.

Os nossos canarinhos voaram das bolas divididas, voltaram intactos, sem nenhum arranhão: o salto alto brilhando, pronto para a próxima festa.

De preferência, no Maracanã, contra os reservas da Irlanda do Norte.

Ou contra a Nova Zelândia.

Cotação do dia

O anunciado, mas nunca localizado, livro sobre estratégia militar escrito pelo ex-presidente argentino, general Galtieri, quando ainda tenente, está com sua cotação no mercado mais ou menos equivalente ao disco do lateral Júnior, "Voa, voa canarinho".



A festa do mês foi sem dúvida o jantar oferecido por Madame R. T. S. em sua ampla villa com piscina semi-olímpica. Sob o sugestivo título "Bem-vindo Inverno", Mme. R. recebeu duas dezenas de amigos para jantar impecável, com champagne. Os convidados tinham apenas uma obrigação: ir à festa fantasiados. Esquentou tanto que, apesar dos 7 graus da madrugada, todos acabaram na piscina. A fantasia mais aclamada foi a de um conhecido diretor de empresa pública: Fantasia de "Trem". Apenas um lençol e a inscrição, na barriga, com uma seta apontando para baixo: "em caso de emergência, segure a manivela".



O melhor telejornalismo do Rio Grande do Sul está sendo feito pela TV Educativa. O jornal da noite (que só na parte local tem 20 minutos, enquanto o bloco local do Jornal Nacional da Gaúcha tem três minutos) e também o "Bom dia Gaúcho", de manhã cedo. Os recursos técnicos da TVE são precários, infinitamente inferiores à Gaúcha, mas a equipe, comandada por Rosvita Saueressig, compensa as deficiências técnicas utilizando entusiasmo e criatividade. Muitas vezes, - conta-se - fazem até mágicas.

Ainda falando em TVE. Quem não assistiu à entrevista de Luis Fernando Veríssimo (mais de uma hora) no programa "Paralelo 30", sábado 17 de julho, morrerá com a boca irremediavelmente cheia de formigas. É o documento mais completo já feito sobre o escritor gaúcho. Melhor que a matéria da Veja. Foi gravado na sala da casa de Luis Fernando, com alguns amigos do entrevistado e o diretor do programa, Jorge Furtado. Luis Fernando, para espanto dos próprios entrevistadores - e contrariando sua torma de homem tímido e calado - falou, digamos, pelos cotovelos, numa verdadeira análise de grupo, que só não teve o Analista de Bagé. Espera-se que a emissora reapresente (algumas vezes) o programa.

Aqueles que forem obrigados a acompanhar parentes em partos, cirurgias e outros contratemplos, no Hospital Moinhos de Vento, têm agora um consolo: parece que o restaurante do hospital é excepcional. Não provei, ainda, mas observadores imparciais me falam em requintes soberbos de uma cozinha absolutamente correta.

Ainda Luis Fernando Veríssimo. Quando ele cansa de um dos seus personagens, é impiedoso. Assim, matou brutalmente o Ed Mort. Seus diretores temem agora pelo Analista de Bagé: há o risco de que o autor, num dia de tédio ou de derrota do Inter, arme a bela Lindaura de um calibre 38, e lá se vai para o túmulo o maior sucesso editorial do País.

Longe da guerra. E da informação

Daniilo Ucha passou 81 dias em Buenos Aires e relata as dificuldades que os jornalistas enfrentaram na Guerra das Malvinas

A imprensa teve um papel destacado na Guerra das Malvinas — conflito bélico que envolveu a Inglaterra e a Argentina, no período de 2 de abril a 14 de junho, cujas conseqüências ainda não foram totalmente analisadas e cuja conclusão também não se vislumbra num futuro imediato, pois o país vizinho, embora derrotado nas armas, não abre mão da reivindicação de soberania sobre as ilhas que ficam em seu mar austral. O papel da imprensa deve ser visto sob duas formas, uma relacionada com a imprensa estrangeira que foi até a Argentina, outra com a imprensa daquele país.

A imprensa estrangeira — mais de 720 jornalistas do exterior reuniram-se em Buenos Aires em determinados momentos do conflito — teve dificuldades muito grandes porque não pôde chegar até o local do conflito. Num primeiro momento, pôde ir até Comodoro Rivadavia, cidade a cerca de 800 quilômetros de Buenos Aires e 600 das ilhas Malvinas, principal base de transporte aéreo de tropas e equipamentos para as ilhas. Os fotógrafos, no entanto, não podiam erguer suas máquinas para fazer fotografias — constantemente vigiados por soldados armados de metralhadora e até pela população, que temia o perigo de espionagem anunciado pelos militares — e os jornalistas não tinham acesso às fontes que lhe pudessem transmitir informações de interesse do público. Havia uma “conferência

de imprensa”, nos fins de tarde, dirigida por um coronel, mas na maior parte das vezes, ele a iniciava apenas para dizer, antes de encerrar, “nada há a informar”.

Posteriormente, os jornalistas estrangeiros foram expulsos do sul do país, considerada “área de guerra”, e concentrados em Buenos Aires, limitados a um centro de imprensa instalado no Hotel Sheraton. Ali havia cafezinho e chá, teletipos das agências noticiosas argentinas e máquinas copiadoras para quem quisesse levar alguns dos telegramas nacionais, mas pouca informação. No início, um capitão da Marinha e outro da Força Aérea forneciam explicações aos secos “comunicados oficiais” do “Estado Maior Conjunto”. Quase ao final da guerra, o representante da Aeronáutica sumiu, ficando apenas o da Marinha, mas fornecendo apenas uma entrevista coletiva, às 19 horas. Se o gabinete facilitou a vida dos jornalistas que só se interessavam pelos comunicadores oficiais e pela versão das autoridades, prejudicou o trabalho dos que queriam algo mais, aprofundando-se na vida argentina para tentar transmitir uma versão mais real e verdadeira. Isto porque, desde sua inauguração, todas as entrevistas a qualquer autoridade — ministro de Estado ou sub-secretário do secretário — tinham que ser solicitadas através do gabinete e, dificilmente os pedidos eram atendidos.

Um perito militar em comunicação social admitiu que o “Centro de Enlace con la Prensa Estranjera” fora criado com dois objetivos. Primeiro, facilitar o acesso dos jornalistas estrangeiros aos “comunicadores oficiais”. Segundo, evitar que “andassem de um lado para outro, pelas ruas, captando notícias que nem sempre eram verdadeiras”. Pa-



ra fugir a um noticiário totalmente oficialista argentino, os repórteres estrangeiros tiveram que trabalhar em dobro, buscando fontes nos meios diplomáticos, entre os políticos de esquerda e de direita, entre militares da reserva ou conversando com as pessoas nas ruas para ter a “cor local”. Creio que nunca, como nesta guerra, o resultado final de um dia de trabalho do repórter, isto é, a matéria a ser enviada ao jornal, dependeu tanto de sua informação sobre o meio em que se encontrava e de uma opção só possível por sua própria condição de repórter.

Já o comportamento da imprensa argentina gerou problemas completamente diferentes. Embora os jornais locais pudessem enfrentar, também, alguma dificuldade para obter a informação correta, suas fontes permanentes possibilitavam superar este impasse. Todos, porém e até, talvez, por uma questão de nacionalismo, aceitaram sem discussão as determinações governamentais de dar destaque às notícias “positivas” ao país eludindo as demais. Caiu-se no exagero do “triumfalismo” — algumas revistas semanais, mesmo após o desembarque dos ingleses, quando se via que tudo estava perdido, continuavam tarjando suas páginas com frases como “ainda estamos ganhando”, “ainda podemos ganhar” — e a imprensa argentina levou o povo a uma das

maiores frustrações de sua história. Ninguém entendeu, e não queria aceitar, a rendição do dia 14 de junho, assinada pelo general Mário Benjamin Menendez, governador argentino das ilhas Malvinas, porque até o dia anterior as manchetes dos jornais de Buenos Aires falavam em vitórias e em feitos heróicos da Força Aérea. Esta frustração é que explica, em parte, o comportamento de milhares de pessoas que se reuniram na Praça de Mayo, dia 15, para protestar contra o Governo e pedir sua queda: os manifestantes jogaram milhares de moedas de 100 pesos contra os jornalistas que estavam defronte à Casa Rosada, cobrindo a manifestação, aos gritos de que aquele era o preço que pagavam por sua “traição”. O povo não conseguia entender como os jornais haviam apoiado tanto a Junta Militar e mentido aos cidadãos sobre o desenrolar da guerra. Muitos exemplares de jornais foram queimados, enquanto os manifestantes solicitavam a presença de jornalistas estrangeiros para que registrassem seu protesto. Mesmo assim, não nos deixaram livros de suas moedas-projéteis e mais de um repórter estrangeiro voltou para o hotel mais tarde, com marcas no rosto ou “galos” na cabeça, produzidos pelos 100 pesos, atirados como quem joga pedras.

DANILO UCHA

Juíza adverte contra interessados na manutenção de um estado policial

A prisão ilegal de um menor, seqüestrado de sua casa, no município de Canoas, originou um novo desentendimento nas relações já atribuladas entre a Polícia e o Poder Judiciário. No dia 1º de julho, a mãe do menor Jorge Luís da Silva, de 16 anos, impetrou um habeas corpus em favor de seu filho, retirado à força por homens armados, dos quais, segundo ela, pelo menos dois eram policiais. No entanto, o delegado Egon Steyer negou à juíza Regina Bollick, que o menor estivesse detido.

Enquanto a juíza orde-

nava que os 40 policiais da Delegacia local fossem apresentados em juízo para reconhecimento diante dos familiares do Jorge Luís, o garoto foi achado no Presídio de São Leopoldo, denunciando que fora vítima de torturas com choque elétrico. No dia marco para o reconhecimento, o delegado Steyer jogou sobre o balcão do cartório judicial um ofício, admitindo a prisão de Jorge Luís, citando os nomes dos policiais responsáveis e protestando contra o reconhecimento.

Desgostosa com o tratamento que recebeu da au-

toridade policial, no caso do delegado Steyer, e revoltada contra o noticiário dos jornais *Correio do Povo* e *Folha da Tarde*, que apresentavam o menor como currador e assaltante, e sustentavam a versão da Polícia de que sua prisão fora legal, a juíza Regina Bollick redigiu uma nota de seis laudas, intitulada *Aos Senhores Responsáveis pela Informação Pública*.

Sobre a desobediência do delegado, ele afirma: “O fato serve para que, como cidadãos, nos questionemos, neste ano eleitoral, se estamos vivendo realmente a au-

toridade da plenitude democrática. Isto porque um delegado dificilmente deixaria de atender a uma ordem razoável de um juiz, se não estivesse respaldado por uma autoridade superior, se não se sentisse garantido pela impunidade”. E lembrou o seqüestro dos uruguaios, qualificando-o como “crime permanente”.

Acrescenta que “a pretensa defesa da sociedade brasileira está sendo conduzida de maneira a desmatar esta mesma sociedade pela supressão dos direitos e garantias individuais. Se, por um lado, esta aberração tem

tido detectada pela melhor imprensa do país, por outro, tem sido possível graças ao apoio da imprensa mal informada. Os interessados na manutenção de um estado policial tem se servido de uma imprensa para tentar restaurá-lo em sua plenitude, instrumentalizando a criminalidade crescente e valendo-se do justificável temor social para legitimar o arbítrio, quando não a violência, e para inverter indefinidamente a ordem das instituições”.

A imprensa e os partidos políticos

A imprensa exerce um papel fundamental de garantia das liberdades democráticas, em nível superior ao dos partidos políticos

É impossível dissociar a imprensa da democracia: suas origens se confundem. O jornalismo impresso surge, de um lado, pelo avanço ilustrada, a qual critica as bases do regime feudal em vigor na Europa até o século XVIII e reivindica a democracia como regime político em que possa exercer o poder. A ideologia de que se reveste a burguesia para lutar pelo poder é o liberalismo. Os jornais revolucionários e doutrinários — os primeiros jornais foram assim — espalhavam as sementes do liberalismo nas principais cidades européias dos séculos XVIII e XIX.

Conquistado o poder político, a burguesia deu um notável impulso ao desenvolvimento das forças produtivas. E, como reflexo desse desenvolvimento, cresceu a capacidade técnica da imprensa que, pouco a pouco, foi cedendo lugar para um novo tipo de jornalismo que suplantava o doutrinário revolucionário dos primeiros tempos.

Já no poder, a burguesia não mais necessitava de órgãos revolucionários. Os jornais passaram a adquirir paulatinamente o caráter informativo, noticioso, ao mesmo tempo em que se transformavam em grandes empresas. Esse fenômeno foi progressivo e se repetiu em quase todos os países, inclusive no Brasil.

Entretanto, se o velho liberalismo serviu como uma luva às necessidades da burguesia em luta pelo poder ou para essa mesma classe nos primeiros anos no comando dos estados nacionais que se criaram no século XIX, à medida em que evoluía o modo de produção capitalista, com os monopólios substituindo a livre concorrência, o liberalismo foi se tornando ultrapassado: não é uma ideologia da classe dominante que tem a necessidade de um estado que amplie sua influência na vida econômica.

O Estado, porém, tanto mais forte, mais procura se colocar contra toda e qualquer crítica e mais avesso se torna à expansão das liberdades cívicas, que constituem uma maneira de balançar a hipertrofia do poder.

É nesse sentido que "a imprensa exerce um papel fundamental de garantia das liberdades democráticas, em nível inclusive superior ao dos próprios partidos políticos", outra condição essencial do regime democrático.

E isso se explica facilmente: enquanto a preocupação básica dos partidos é ideológica, a motivação fundamental do jornalismo é a busca de fatos, a verdade. A ideologia, muitas vezes, se encontra em oposição à verdade, quando esta mesma verdade contradiz seus postulados.

O jornalismo que se forjou nesses últimos dois séculos tem como característica essencial a busca dos fatos, despidos de seus invólucros ideológicos, proporcionando ao público dados concretos e reais a fim de que ele possa, por si próprio, formular julgamentos e opiniões, crescendo, portanto, como sujeito do processo político que transcorre diante de seus olhos.

Essa é a tendência do jornalismo contemporâneo. Quer dizer isto que o jornalismo é assim, especialmente em nosso país?

Obviamente, a resposta do mais desavisado leitor seria um rotundo não. Os jornais sofreram as injunções do processo histórico. De um lado, acabaram sen-

do produtos de grandes empresas, que possuem seus próprios interesses. De outro, defrontam-se com o poder hipertrofiado do Estado, o qual busca sistematicamente reduzir a liberdade de informação, especialmente quando esta coloca diante dos olhos do leitor as mazelas ou a ineficiência da máquina burocrática estatal.

Este último fato tornou-se bem mais dramático para nós, brasileiros, que recentemente sentimos de perto a importância e a necessidade de uma imprensa livre para as garantias democráticas, inclusive, para a defesa dos direitos humanos.

Entretanto, o esquema não pode ser tão simplificado. O jornalismo acabaria se tornando desinteressante se dependesse apenas aos interesses das grandes empresas e se servilmente acabasse acatando as determinações do Poder. É nessa medida que há um dinamismo intrínseco na articulação na linguagem jornalística que, mesmo nas mais difíceis condições, ele abre frestas democráticas.

No Brasil, esse fato se tornou evidente, pois é inegável o papel transformador da realidade exercido pela imprensa, que soube resistir ao autoritarismo na medida de suas forças.

É claro que não podemos, *post festum*, transformar cada redação em uma trincheira de heróis dispo-

tos a combater até a morte. Nada disso. A resistência do jornalismo brasileiro ao arbítrio do poder do Estado foi no estilo galileico, pacientemente, teimosamente determinado a revelar fatos e situações, obstinadamente voltado para a verdade, mesmo que as imposições permitissem que apenas um lado delas viesse à luz.

As receitas culinárias de *O Estado de São Paulo* ou as poesias de Camões representaram muito na tomada de consciência democrática que hoje adquiriu notável amplitude no país. Mas nem só as receitas de Culinária e os poemas de Camões aplainaram os caminhos para a democracia.

Também as reportagens e os artigos tiveram importância ao desvendar uma realidade que aos poucos foi surgindo à luz do dia. Ou seja, sem uma opinião pública pelo menos parcialmente esclarecida sobre as circunstâncias em que se dá o processo político e social, a democracia é impossível. E pode-se dizer que os jornalistas brasileiros estiveram à altura da missão que exige sua profissão.

Resta saber se continuarão, quando as liberdades começarem a ser reconquistadas, se prosseguirão no mesmo caminho, já que existe a tentação perigosa de se colocar incondicionalmente ao lado do Poder quando este afirmar, ao nível de ideologia, defender as liberdades e o povo.

É preciso ficar claro que nenhum tipo de sociedade, tenha ela o nome que tiver, estando a imprensa atada à máquina estatal, será uma sociedade democrática. Para haver democracia real, é necessário o jornalismo livre e independente. E independente do Estado. O que não quer dizer que o Estado não tenha seus órgãos de comunicação social. Pode e deve tê-los. O que não pode é existir uma única orientação, uma única linha para o jornalismo. A liberdade de imprensa é uma conquista e devemos fazer tudo para preservá-la, mesmo que mudemos os modelos políticos e econômicos da sociedade. A democracia e a liberdade devem permanecer. E só permanecerão com o jornalismo livre e sem tutelas.

Luiz Pilla Vares



VAMOS LUTAR JUNTOS!

Para Deputado Federal

Omar Ferri

Faça seu pedido pelo reembolso postal para Coojornal — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS

COOPERATIVISMO E COMPETIÇÃO

A experiência das cooperativas no capitalismo alemão

1948

DEBATE

COOPERATIVISMO E COMPETIÇÃO
A experiência do Cooperativismo alemão na busca de adaptação ao regime capitalista.
Coleção Cooperativismo
Selo Debate n° 1
Cr\$ 200,00

QUANDO NOVEMBRO VIER...

edgar vasques



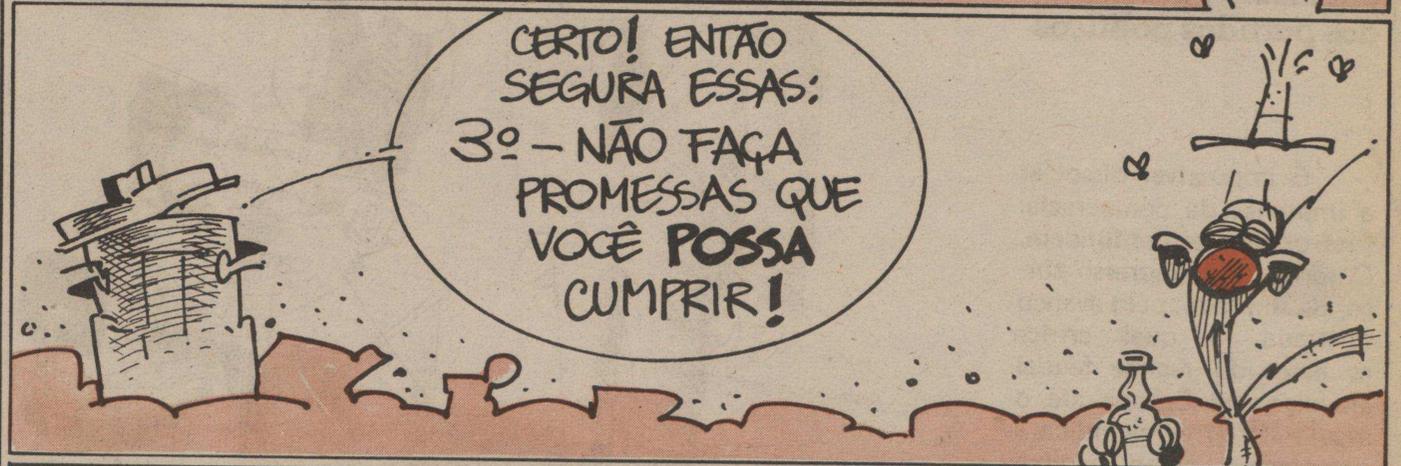
VÉIO DICA, O LÍDER DO PBB SE APRESENTA PARA BAIS UBA AULA DE ESTRATÉGIA ELEITORAL!



SIM, MAS PRIMEIRO VAMOS VER SE VOCÊ LEMBRA AS LIÇÕES ANTERIORES.

CLARO QUE SIM:
1º - "EVITAR DECLARAÇÕES EM OFF: PODEM VIRAR OFF-SET."

2º - "NÃO BEBER AS CONTRIBUIÇÕES AO PARTIDO!"

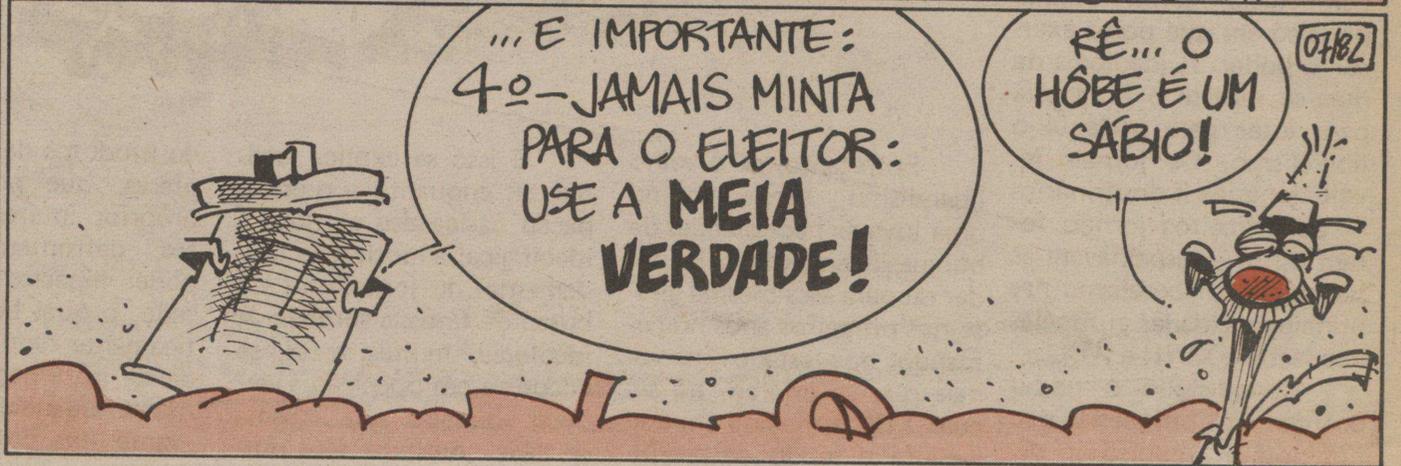


CERTO! ENTÃO SEGURA ESSAS:
3º - NÃO FAÇA PROMESSAS QUE VOCÊ POSSA CUMPRIR!

... E IMPORTANTE:
4º - JAMAIS MINTA PARA O ELEITOR: USE A MEIA VERDADE!

RÉ... O HÔBE É UM SÁBIO!

07/82



O AR DA SUA GRAÇA...

edgar vasques



E SE PINTAR DEBATE COM OS OUTROS CANDIDATOS, COBO É QUE EU FAÇO?

MUITO SIMPLES:



VOCÊ FICA PRÓ FIM,

DEIXA ELES FALAREM O QUE QUISEREM,



AÍ ABRE A BOCA...

... E MATA ELES NO BAFO!

ÔBA! ESQUEBA JÂNIO!

07/82